

**MANUEL SANTOS CARVALHO**

# **TI VIDA**

*Montreal*

2008

Título:

**Ti Vida**

Autor:

**Manuel Santos Carvalho**

**Éditions Saturnia**

174 Faillon O. #201

Montréal, Québec

H2R 2V7

Canada

Capa:

Pinhal de Leiria

**ISBN xxxxx**

Dépôt Légal:

Bibliothèque Nacional du Canada – 2008

Bibliothèque Nacional du Québec – 2008

Reservados todos os direitos de edição e tradução

**MANUEL SANTOS CARVALHO**

# **TI VIDA**

*Éditions Saturnia*

**Do autor:**

**Saga** - Editora Peregrinação - 1989

**Um poeta no Paraíso** - Éditions Luso - 1994

**Parc du Portugal** - Éditions Luso 1997

**À beira-Main** - Éditions Luso - 2003

Manuel Santos Carvalho nasceu em Cicouro, Miranda do Douro, em 1946.

Viveu grande parte da sua juventude nos Outeiros da Gândara dos Olivais, nos arredores de Leiria.

Reside em Montreal, no Canadá, desde 1980.

Tem colaboração literária espalhada por diversos jornais e revistas do Canadá e Portugal.

É o coordenador da revista *on-line* "Satúrnia - Letras e Estudos Luso-Canadianos".

## **Aos companheiros dos verdes anos**





***Ti Vida***  
***à beira do pinhal***



## ABERTURA

Desfrutei a adolescência nos Outeiros da Gândara dos Olivais, lugarejo perdido entre pinheirais, nos arredores de Leiria.

Os meus companheiros de folguedos eram rapazotes que trepavam aos pinheiros mais destros do que gatos e que manejavam as fisgas com a perícia de Davides.

Na sua companhia, devastei pomares e corri festas e romarias atrás das raparigas.

Na sua companhia, embriaguei-me de vinho e sonho.

Na sua companhia, descobri o sofrimento humano.

Na sua companhia, descobri a alegria de viver.

Na sua companhia, descobri outras dimensões do tempo.

Na sua companhia, descobri a Ti Vida, à beira do pinhal.



## TI AMBRÓSIA

Nos anos sessenta, Portugal era um país de opereta, governado a toque de decretos. Para quê gastar tempo e energias a tentar resolver os intrincados e endémicos problemas sociais se bastava um toque de varinha mágica para os pulverizar enquanto o diabo esfrega um olho? Desconfio que política de tanta clarividência e arrojo só poderia ter sido inspirada pelo exemplo visionário dos então muito populares vendedores da famosa pomada-gibóia, remédio miraculoso para todos os males que afligiam a população portuguesa, desde a seborreia, às hemorróidas, às blenorragias, à urticária, às cirroses, e por aí fora. Bastava, no dizer dos aldrabões de lábia afiada, e lá estava presente sempre um bom punhado de testemunhas para o comprovar, uma ou duas generosas aplicações e estava o mal com a língua de fora, erradicado para sempre das preocupações de campónios e cidadãos.

O mesmo tratamento se aplicou, pois, às enfermidades do torrão lusitano. Queria-se acabar com a prostituição? Para quê implementar uma morosa e onerosa política de profilaxia social? Encerraram-se os prostíbulos e ficou o caso arrumado.

Para erradicar o flagelo da mendicidade, bastou a ideia luminosa de decretar o fim da pobreza no país e de arrebanhar os mendigos em insalubres hospícios longe dos olhares mais coscuvilheiros. Estava o mal sanado, longe da vista, longe do coração, lá diz o acertado ditado.

Quando o turismo começou a ser negócio chorudo, achou-se por bem proteger a imagem do país, já muito denegrida por culpa da guerra colonial, perante os olhos maledicentes do mundo. Decretou-se então que os aldeões, desse lá por onde desse, não poderiam, doravante, descer descalços às cidades, por onde a turistada deambulava sequiosa de emoções rústicas e viris que a arrancassem à pasmaiceira dos prazeres da civilização.

Quando de tal soube, foi como se tivesse caído o Carmo e a Trindade sobre a cabeça da ti Ambrósia. Não é que lhe sobrasse muito tempo nas suas lides agrícolas para andar por Leiria a polir as pedras das calçadas. Mas, de tempos a tempos, lá tinha de ir ao mercado vender umas cabeças de criação, alguma galinha ou coelho que ajudassem a equilibrar as precárias finanças, ou então entrar na loja de fazendas do senhor Fernandes mercar uns metros de chita ou cotim quando as roupas da família começavam a ficar puídas e a precisar de urgente restauração.

Mas agora, que fazer? Olhava os pés de paquiderme, enormes, deformados pelo palmilhar sem conta, curtidos por sóis e chuvas, com sola espessa de dois dedos, que, nunca por nunca na vida, e já lá iam sessenta anos passados, se sentiram na prisão duns chinelos, quanto mais duns sapatos ou sandálias.

- Ti Ambrósia, vossemecê tenha paciência, mas descalça é não pode entrar em Leiria. Olhe que as multas são pesadas - advertiam-na as vizinhas, irmanadas pelo mesmo dilema. - Faça como nós, vai descalça pelo caminho e só calça as sandálias à entrada da cidade.

Após hesitações e recuos sem conta, lá se resignou a ti Ambrósia a comprar um par de sandálias, amplas como

barcas, que lhe custaram um dinheirão e que o sapateiro lhe afiançava serem macias como uma luva.

- Vai ver que quando se apanhar com elas nos pés, nunca mais as quer largar.

Maldita boca de trapos! O que o malandro queria era apanhar-lhe o rico dinheirinho. Quando lhe perguntavam, depois, qual tinha sido o pior dia da sua vida, a ti Ambrósia, não hesitava um segundo, quais partos, quais doenças, quais sacrifícios e tragédias da vida, nada se comparava àquele momento em que, fazendo das tripas coração, conseguira encafiar as patorras naquelas malditas sandálias e se aventurara a caminhar, aos tropeções, pelas ruas calcetadas da cidade. Nem para o seu maior inimigo pedia tal suplício. Julgara que ia morrer.

Passados cinco minutos, uma eternidade, já tinha os pés a escorrer sangue, as tiras de sola das sandálias enterravam-se na carne até ao osso, já não se atrevia a dar nem mais um passo, seria capaz de cair para o lado, com tanta dor que lhe subia até ao coração. Desvairada, com a luz varrida dos olhos, descalçou-se e, com as sandálias na mão, correu, correu, só descansou quando, com o coração a galope como um cavalo no peito, já fora da cidade, debaixo da ponte do arrabalde, enterrou os pés martirizados na corrente fresca do rio.

- Nunca mais venho à cidade - soluçou, desamparada, de cabeça enterrada nas mãos.

Quando regressou a casa, arrumou as sandálias na cozinha - foi o dinheiro mais mal empregue da minha vida, dizia -, tratou das mazelas dos pés com banhos de água e sal, e durante semanas a fio manteve-se fiel à sua promessa. Mas a vida tem exigências que não se compadecem com promessas apressadas, as calças do seu homem exigiam remendos urgentes, a ninhada de coelhos precisava de ser vendida.

- Aquelas sandálias é que eu nunca mais calço -  
teimava a ti Ambrósia.

- Atão vai apanhar uma valente multa - afiançavam  
as vizinhas. - Não lhe vai sobrar nada da venda dos  
laparotos.

Durou dias aquele dilema. Arreganhavam as ventas,  
escarninhas, as sandálias, lá do seu canto, certas da vitória  
final. Uma ruga profunda retalhava a testa da mulher. Era  
uma luta de vida ou de morte que todos os dias se travava,  
em silêncio, naquela cozinha.

Até que uma bela manhã, meteu-se a caminho da  
cidade. As sandálias continuavam arrumadas, acabrunhadas,  
ludibriadas, no seu canto poeirento. Os pés da velha  
reluziam, até um bom palmo cima dos artelhos, com uma  
espessa camada de graxa negra.

- Vamos lá ver se agora algum malandro é capaz de  
provar que não estou calçada e de me aplicar uma multa.

Durante todo o santo dia palmilhou ruas e becos da  
cidade sem que alguém tivesse o desplante de a incomodar.  
Quando regressou a casa, vitoriosa, aclamada pela  
vizinhança, aplicou raivoso pontapé às sandálias:

- Fiquem para aí, malvadas, pensavam então, vocês,  
que iam comer as papas na cabeça da ti Ambrósia?

Sempre que precisava de descer a Leiria, lá tornava  
ela a engraxar as patorras, com requintes de artista. E fosse  
porque fechavam os olhos, divertidos, ou porque o código  
penal não contemplava aquela infracção, o certo é que nunca  
os polícias se atreveram a enfrentar a ti Ambrósia que se  
passeava por toda a banda, com um sorriso beatífico nos  
lábios.

## TI BENVINDO

O Benvindo era um negro mais negro do que o carvão. Daqueles que, de noite, só se lhes vê o branco dos olhos e dos dentes.

O senhor Moreira, um ricaço com negócios coloniais, trouxera-o da roça que possuía em Angola e fizera dele uma espécie de caseiro, criado para todo o serviço e seu braço direito, ali na quinta do Outeiro. Era uma posição invejada por muitos que não aceitavam, do fundo do peito, que um preto, caído ali de pára-quadras, tivesse tantas regalias e poderes até ao ponto de lhes dar ordens e ditar condutas.

Mas o Benvindo tinha uma alma branda e larga como poucas, capaz de tornar amigo o mais encarniçado adversário. Além disso, com o tempo demonstrou, a todos, por a mais b, por que razão merecera tamanha confiança do senhor Moreira. Era aplicado, devotado e um trabalhador incansável que em pouco tempo transformou a quinta meio abandonada, invadida por cardos e silvas, num paraíso perfumado por pomares e vinhedos, bem tratados como poucos, onde as aves regressaram em busca dum lar frondoso. Era, a seu jeito, um poeta. O seu único defeito seria que, com a pinga, o travo da solidão subia-lhe à boca e fazia toda a gente fugir, a sete-pés, com as suas intermináveis e lacrimosas histórias das *chanas* angolanas.

Com o correr dos anos, quando a carapinha lhe começou a embranquecer e os olhos lhe ficaram cada vez mais mansos, o Benvindo passou a ser carinhosamente

tratado por ti Benvindo. A aldeia acolhera-o, finalmente, sem reservas, no seu regaço generoso, quase esquecida da sua origem africana.

Assim foi até à hora em que os ventos da loucura anunciada sopraram sobre terras de Angola. As notícias que chegavam, filtradas pelas garras dos funcionários zelosos da censura, eram de estarrecer. Chacinas e mais chacinas, o sangue a correr em bica. A morte, de asas abertas, à solta, num ruflar assustador.

As botarras dos primeiros contingentes de tropas, que partiram em resgate da honra da pátria humilhada, esmagaram as calçadas das ruas de Leiria. Das varandas e janelas acolchoadas, tombavam dilúvios de flores sobre as cabeças dos presumíveis heróis que desfilavam, lívidos e aturdidos, em passo marcial.

Na televisão, os salvadores da pátria, façanhudos e tétricos, apelavam à luta sem tréguas e sem mercê contra os inimigos da civilização. Acicatados, cresciam uivos de ódio nos peitos mais pacatos normalmente incapazes de fazer mal a uma mosca.

Para mal dos seus pecados, foi numa dessas horas de exaltação que o ti Benvindo teve a má sorte de entrar no café do Zé. Mal o avistou, o brutamontes do Tóino Cabresto apedrejou-o com a brutalidade da sua ignorância:

- Seu terrorista, qualquer dia corto-te os colhões e vou pendurá-los na torre da igreja para que os corvos os comam.

O ti Benvindo olhou-o aparvalhado, esmagado pela muralha de raiva que crescia ao seu redor e, sem uma palavra, saiu do café de cabeça ceifada, escorraçado por olhares furiosos e palavras amargas de desforra.

Não o tornei a ver no café nem nas tabernas que habitualmente frequentava. Despedaçado, nunca mais ousou transpor os muros da quinta onde se refugiara como um

eremita. Dizia quem sabia que até os pomares e vinhedos já choravam a falta dos seu afagos e que os silvados, durante tanto tempo escorraçados, começavam, velozmente, a reapossar-se daquelas terras.

Correram as semanas e os meses e a guerra, indomável, alastrava como fogo no capim quando, num entardecer brumoso de Novembro, o ti Benvido atirou uma corda à braçada mais vigorosa dum oliveira secular e deixou a alma vogar, num voo silente, rumo às longínquas *chanas* que o viram nascer e que ansiosamente esperavam o seu regresso.

## TI BELMIRA

Lá vai a ti Belmira! Envolta no espesso manto da demência. E, como sempre, a vociferar contra a vileza humana.

- Mentirosos! Cambada de tralulhas! Aldrabões!

Quem ainda se recorda desses tempos, sabe que a ti Belmira era uma mulher de pêlo na venta. O seu homem morrera-lhe cedo, levado por doença ruim que o fazia urinar sangue dia e noite, e deixara-lhe um rebanho de filhos para criar. Cavar vinhas, semear batatas, sachar milho, nada lhe metia medo, capaz de ombrear, de sol a sol, nas lides agrícolas, com os homens mais rijos e desembaraçados.

- Isto é como um homem - diziam dela, e era o maior elogio que se podia dar a uma mulher, companheira das longas e árduas jornadas ao sol e à chuva.

Ainda hoje a recordo, alta, rija, parca de palavras, de lenço preto, descalça, enxada ao ombro, a emborcar, na tasca do Américo, o impreterível bagaço matinal que a amparasse nas rudes tarefas que a aguardavam.

Quanto aos filhos, ranhosos, farroupilhas, ao Deus dará, lá foram crescendo, fizeram-se homens e mulheres, bem ou mal, tudo se cria. Quando o Manel foi para a tropa e logo a seguir mobilizado para a Guiné, a ti Belmira não esteve com pieguices :

- Faz-lhe bem, para se fazer mais homem.

- Ó ti Belmira, não fale assim, até parece que não tem amor ao seu filho - recriminavam-na as vizinhas. - Tanto

rapaz que por lá tem morrido. Olhe o Zé, o filho do ti Augusto.

- Não hão-de morrer todos.

- Vossemecê parece que tem pêlos na alma.

O Manel embarcou para a Guiné. De tempos a tempos, enviava um aerograma onde falava do calor, dos mosquitos, pouco da guerra, muito das saudades da terra. Até que, inesperadamente, um dia a ti Belmira recebeu uma carta timbrada que lhe anunciava, num invólucro de palavras pomposas que evocavam o Dever cumprido, que o seu filho Manuel dos Santos Pereira "desaparecera em combate ao serviço da Pátria"

Sentada à mesa da cozinha, petrificada, de rosto enxuto, rodeada pela filharada chorosa e pela vizinhança atraída pelo cheiro da tragédia, a ti Belmira amarfanhou a carta na mão:

- Deus mo deu, Deus mo levou, chega de choradeiras.

As pessoas criticaram a falta de sentimentos daquela mãe desnaturada mas depois tudo se calou, a vida continuou como sempre, dura e agreste. A roda dos anos continuou a girar, trazendo novas alegrias e novas dores, estas mais do que aquelas, como era normal. A ti Belmira continuava a passar, silenciosa, com a enxada ao ombro e a beber o seu bagaço na tasca do Américo. E raramente alguém evocava o fim trágico do Manel. Mais um, entre tantos.

Mas o Manel ainda não desistira de dar que falar da sua pessoa. Passados anos, três ou quatro, apareceu de surpresa na aldeia. Esquálido, envelhecido, com os olhos cheios de sombras, mas vivo.

Na boca trazia uma história de espantar. Era uma história que falava duma aventura rocambolesca que o levava, como prisioneiro de guerra, até às masmorras na Guiné-Conacry, onde os guerrilheiros o conduziram na

sempre vã e gorada esperança de o utilizarem como moeda de troca em hipotéticas negociações com as autoridades portuguesas.

Quando tudo parecia negro, fora libertado no decorrer duma operação relâmpago dos portugueses em território inimigo que tinha como objectivo principal, que saiu furado, liquidar os principais dirigentes da guerrilha.

- As autoridades portuguesas sabiam que eu estava vivo - explicava , impante, o Manel para a roda boquiaberta que lhe sorvia as palavras. - O que eles nunca reconheceram oficialmente foi que os turras tinham prisioneiros portugueses em seu poder. E nunca quiseram negociar.

- Eles sabiam que tu estavas vivo e nunca me disseram nada? - soltou como um uivo, a ti Belmira. - Mentirosos! Trafulhas! Cambada de aldrabões!

Disse, quem viu, que, nessa hora, os olhos da ti Belmira coriscavam.

- Mentirosos! Trafulhas! Cambada de aldrabões.

- Cale-se, ti Belmira, olhe que podem ouvi-la.

Mas a pobre mulher nunca mais se calou. Só, passados anos, a sepultura lhe deu o eterno repouso por que a sua alma descarnada e exaurida ansiava há muito tempo.

## TI AUGUSTO

O ti Augusto era um homem atarracado, enxuto de carnes, rosto afilado sombreado por uma boina preta enterrada até aos olhos esquivos. Passou pela vida como uma sombra até ao dia em que, por força de nefastas circunstâncias, foi protagonista de acontecimentos que durante algum tempo puseram a aldeia em polvorosa.

Casa, trabalho, horta. Nem sol nem chuva o demoviam da sua rotina cristalizada pelos anos. Durante a semana, às sete horas da manhã em ponto, içava-se na sua velha bicicleta, dava a saudação às raras pessoas com quem se cruzava e lá ia ele rua abaixo, sem tergiversar, direito à serração onde trabalhava e era estimado como carpinteiro parco de palavras mas inexcedível de zelo e pontualidade. À tarde, depois do trabalho, de regresso à sua casita à beira do pinhal, mal os dias começavam a crescer, metia uma bucha apressada à boca e lá tornava a montar na bicicleta, desta vez direito à horta que amanhava, ali para os lados da quinta da Carvalha e donde só regressava, muitas vezes, já sol-posto.

Nunca ninguém lhe viu a sombra numa taberna e se algum vizinho mais casmurro e inconformado teimava em o desafiar, a sua desculpa era invariavelmente a mesma : não sou homem para beber a sopa dos meus filhos.

E verdade seja dita, os três filhos que a mulher, a ti Felismina, lhe deu, andavam sempre asseados e bem tratados, ao contrário da maioria da garotada da aldeia que crescia para ali ao Deus dará, descalços e maltrapilhos e, a

maior parte dos dias, com a barriga a dar horas e os lombos raquíticos derreados de tanta pancada caída ao capricho das turbulentas bebedeiras paternas.

Quando o filho mais velho, o Zé, carpinteiro como o pai, lhe anunciou que estava mobilizado para Angola, o ti Augusto não deu palavra. Montou na bicicleta e foi-se refugiar na horta donde só regressou altas horas da noite, já a família estava inquieta e pronta e ir procurá-lo. Na mão trazia uma cana altíssima que nos dias seguintes, de navalha em punho, se entreteve a rebarbar e a limpar de nós e irregularidades, vigiado pelas olhadelas atravessadas e intrigadas da mulher, dos filhos e até mesmo da vizinhança.

Terminada a obra a seu gosto, o ti Augusto pousou a mão tremente no ombro do Zé.

- No dia do teu embarque, em Lisboa, estarei lá, com uma folha de couve espetada na ponta desta cana. E o mesmo acontecerá no dia do teu regresso.

Dito e cumprido. No dia do embarque, no cais, aquela folha de couve, lá no alto, a planar num voo silente sobre a mole humana retorcida pela dor das despedidas, foi o último elo de ligação do Zé à terra firme e às raízes familiares, antes que o sacolejar do Império, prenhe de dois batalhões, o atirasse para as garras dum enjoo que quase lhe ia arrancando as tripas durante os nove dias que durou a viagem até Luanda.

Depois, quando eu passava perto da casa do ti Augusto, para os meus inesquecíveis passeios de bicicleta pelas profundezas do pinhal, detinha-me sempre para perguntar pelo filho.

- Então, o Zé tem mandado notícias?

A cara do homem abria-se num sorriso rasgado numa loquacidade que até então nunca ninguém lhe vira.

- Mandou sim, Manel. Ainda ontem recebemos um aerograma dele. Está bem, numa zona sossegada sem guerra. A cana está ali à espera do dia do regresso.

Eu tinha de me escapulir para que ele não me repetisse, pela milhenta vez, a história daquela cana e a razão da sua existência tranquila, ali encostada à casa, apontada ao céu, como um soldado disciplinado à espera de ordens para cumprir galhardamente a sua última missão.

- Até à próxima, ti Augusto. Hoje estou apressado. Mande um abraço ao Zé.

Infelizmente, o novelo da vida nunca se desenrola como nós vaticinamos. Certo dia, os ventos da desdita trouxeram à aldeia o anúncio da morte do Zé. Num estúpido acidente de viatura, esmagado pelo rodado dum unimog lá para o norte angolano, numa picada traiçoeira e enlameada perto de Maquela do Zombo.

Durante dias e noites a fio, os gritos de dor agitaram a ramaria do pinhal e ecoaram pelos requebros dos valados.

Mas a vida não se compadece com dores irreparáveis. A primeira a reagir foi a ti Felismina. Tinha dois filhos ainda rapazotes para acabar de criar e lá conseguiu encontrar forças para nadar até às margens da razão.

- Águas passadas não movem moinhos, Augusto. Reage, homem de Deus, pel'amor dos dois filhos que ainda tens. Olha que não te custou mais do que a mim.

O ti Augusto consentiu com um aceno de cabeça. Reencontrou a rotina de antigamente. Casa, trabalho, horta. Mas a cana continuava encostada à casa, projectando uma sombra esguia e sinistra que corria pelo pátio nas noites de lua cheia.

- O que faz ali aquela cana, homem? Aquilo não tem préstimo para nada. Qualquer dia vou dá-la ao garoto da nossa vizinha Amélia que já ma pediu para fazer uma cana de pesca.

- Ai de ti. A cana fica ali enquanto eu quiser.

Entretanto, começaram a correr rumores de que certas noites mais propensas a tais fenômenos, a cana ganhava contornos de cruz e, para cúmulo, a ti Anacleta afiançava que já chegara a ver o corpo do Zé lá crucificado.

- Cruzes, canhoto - persignavam-se as pessoas.

Estes murmúrios acabaram, inevitavelmente, por chegar aos ouvidos da ti Felismina que tornou a enfrentar o marido, resolvida a pôr um ponto final naquele desaforo.

- Ou fazes tu alguma coisa ou tomo eu uma decisão. Escolhe. As pessoas já nem atrevem a passar diante da nossa porta, sempre com o credo na boca.

Como o ti Augusto, enleado até ao fundo da alma por sentimentos que nem ele próprio compreendia, não atava nem desatava, passadas duas ou três semanas, a cana desapareceu subitamente do seu lugar.

O ti Augusto, já amolecido, não teve forças para interrogar a mulher que não tugia nem mugia, como se nada tivesse acontecido, agarrada aos preparativos do jantar.

A partir deste desenlace, a única diferença que se notou no comportamento do ti Augusto foi que passou a gastar mais tempo na horta, cada vez mais murcho de palavras. Mas, na serração, continuou sempre o mesmo trabalhador zeloso e pontual.

## TI ZÉ BORRACHO

O ti Zé Borracho era uma fraca figura, aquilo a que vulgarmente se chama um franganote. Se pesasse cinquenta quilos era muito. Eternamente enfiado num fato-de-macaco azulado de torneiro, um boné axadrezado na cabeça, com aqueles olhos enormes e esbugalhados, tinha a silhueta dos furões nervosos e irrequietos sempre de ventas no ar.

Apregoava ter sido pugilista nos seus tempos de juventude. Astro cujo nome andara de boca em boca, lá por Lisboa, no mundo dos ringues, nos seus tempos áureos quando estivera quase à beira de ser campeão nacional dos pesos-plumas. Que talento a rodos tinha ele para dar e vender, assim a sorte não lhe tivesse sido madrasta. As razões evocadas para o seu fracasso balançavam ao sabor dos humores dos copos dentro dum leque muito amplo que abrangia políticas, saias, borga ou mesmo ajustes de contas do mundo do crime.

- Eu podia ter chegado a campeão do mundo - afiançava quando os bagaços já lhe toldavam a noção das proporções.

Invariavelmente, aparecia no café nos sábados à noite ao soar da meia-noite. Encostava-se ao balcão, emborcava dois ou três bagaços e só então varria com o olhar turvo a fauna noctívaga que ainda se atardava pelas mesas repletas de copos numa tentativa desesperada de prolongar o serão, depois que os últimos acordes do hino nacional jorravam da

televisão e só ficava a bocarra negra do ecrã a lembrar que a hora já era tardia.

Chegava então a hora propícia para o ti Borracho dar início ao seu número. Sacava um lenço enorme e esverdeado das profundezas do bolso e, segurando-o por duas pontas, durante uns bons dez minutos atarefava-se a enrolá-lo em movimentos circulares até lhe dar a forma duma torcida cuja resistência testava com dois ou três esticões enérgicos. Com precisão de cirurgião, pegava então numa das pontas com a pinça dos dedos e enfiava-a por uma das narinas, geralmente a esquerda, até que ela ressurgia subitamente na outra narina depois de ter dado longa volta pelas profundezas nasais.

Então, com o lenço bem esticado pelas duas pontas, percorria as mesas, num desafio :

- Puxa aí. Não tenhas medo de me magoar.

Claro que ninguém se atrevia. Mesmo já habituados à repetição da cena, aquele ritual infundia respeito, aquele nariz partido de pugilista era a prova real da veracidade das suas palavras avinhadas quando evocava o seu glorioso passado.

Quando se cansava de andar para ali a dar espectáculo, subitamente voltava-se para um dos presentes.

-Tu aí! - apontava um dedo acusador. O que tavas para aí a segredar? Não escondas que eu bem te ouvi e olha que ainda tenho bom ouvido. Estavas a dizer que eu pareço um porco com o arganel, preso pelo focinho. Foi ou não foi? Não havia palavras de desculpa que o convencessem. Metia o lenço no bolso e erguia os punhos, esboçava a dança dos pugilistas.

- Defende-te.

Era a vez do Zé do Café intervir. Finório, vendo que a freguesia começava a fraquejar nas rodadas, aproveitava a ocasião para meter o pessoal no olho da rua.

- Isto é um estabelecimento de respeito, quem não sabe beber vinho, beba água. Desacatos cá dentro é que eu não tolero.

Dizia-se até que aquele era o grande momento de glória da sua vida e que aproveitava o ocasião para se vingar nos presentes das agruras que a mulher lhe dava, sempre, por entre as mesas, a roçar o traseiro bem nutrido nos fregueses, e que não se rogava nada em lhe pôr os cornos quando o apanhava pelas costas.

O arraial continuava na rua. No centro da roda, por entre gargalhadas e incitamentos da assistência, o Ti Borracho exibia os seus mais refinados passos de dança, fazia gala do virtuosismo do seu estilo e da pureza dos seus ganchos até que, esgotado o reportório, quando o fôlego lhe começava a faltar, subitamente, baixava os punhos e abraçava-se amigavelmente ao adversário.

- Confessa lá que te ias borrando todo. E olha que não era para menos. Eu podia mandar-te para a cova, com um murro. Dá graças a Deus por eu esta noite estar bem disposto.

Nas raras ocasiões em que as coisas começavam a dar para o torto, havia sempre um mar de braços, uma muralha humana que atentamente se interpunha entre os contendores e que cerceava logo à nascença qualquer esboço de violência despropositada.

Mas nessa noite, uma noite que nunca existiu, como adiante se verá, o caso estava feio. A escolha do ti Borracho recaíra sobre um forasteiro retorcido, ainda novo e de rijo arcaboço, que ninguém anteriormente vira pela terra. De humor execrável, não achara graça nenhuma à brincadeira e, irascível e intratável, mouco às nossas palavras conciliatórias, investia de cabeça baixa, disposto a engalfinhar-se no ti Borracho.

- Deixem-no vir que eu trato-lhe da saúde - continuava a desafiar o ti Borracho, de punhos erguidos, o que ainda acrescentava mais uns graus à fúria do outro.

Levou-nos duas horas avantajadas e bem suadas até conseguir persuadir o estranho a montar na motorizada e a ir-se embora em paz.

Esvaído todo o prazer da noitada e extenuados pela faina imprevista, o grupo foi-se dispersando aos poucos até só eu ficar a fazer companhia ao ti Borracho, que teimava em me reter para o acompanhar na vigília até de madrugada, hora em que as insónias, causadas pelas murraças que apanhara no toutiço, como me explicava, o deixavam finalmente adormecer e repousar o corpo exaurido.

Estava eu à procura dum pretexto para me livrar dele quando, subitamente, a mansidão da noite primaveril foi abalada pelo roncar ensurdecidor duma motorizada de farol apagado que, como um toiro enfurecido, investiu na nossa direcção.

Instintivamente, o ti Borracho ainda ergueu os punhos, num esboço de defesa intimidante, mas não havia artimanhas que o salvassem. Sem uma palavra, o forasteiro saltou da máquina com a agilidade dum gato de olhos coruscantes e com um estalo, dado com desprezo, com as costas da mão, atirou o ti Borracho de pernas para o ar, a espernear ali miseravelmente na poeira do caminho.

A motorizada tornou a roncar com raiva e antes de partir à desfilada ainda escarrou um descarga de gazes na cara do ti Borracho que, todo mascarrado de fuligem, ficou a tossicar desesperadamente.

Ajudei-o a erguer-se. Penosamente se aguentava nas pernas, consumido por tremura incontrolável.

Olhámo-nos, desamparados. Aquilo, lá podia ser! Traíçoeiramente, o tecto do mundo desabara-nos sobre a

cabeça. Era uma pedrada mortífera nas vidraças do nosso universo. Um big-bang incontrolável.

Acompanhei-o até casa, ladeira acima, abraçados um ao outro como náufragos. Ainda hoje recordo aquela caminhada no silêncio da madrugada só perturbado pelo ladrar dos cães e pelo berreiro dos ralos. Na despedida, falei-lhe com solenidade:

- Ti Zé, o que se passou aqui esta noite, nunca aconteceu. Está a ouvir? - Deixei que as palavras amadurecidas rolassem lentas e sepultantes. - Isto foi um pesadelo, um sonho mau. Concorda?

O ti Zé Borracho olhou-me com uns olhos onde eu pela primeira e única vez na vida vi os vapores dos bagaços dissipados, compenetrado da responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros. Aquiesceu com um aceno de cabeça e, daí para a frente, fique esta verdade em seu abono, nunca se eximiu a honrar o seu compromisso e continuou a animar as nossas noites de sábado, como se nada de anormal tivesse acontecido.

Punha tanta convicção e entusiasmo na sua representação que, passados meses, por vezes chegava a interrogar-me se, de facto, tudo aquilo não fora um pesadelo meu, algum mau sonho que me pregara uma partida. A tal ponto que, certa noite, o chamei à parte:

- Ti Zé, ouça cá, aquela noite...

- Qual noite, Manel? - interrompeu-me ele, com um brilho irónico nos olhos esbugalhados. - Não me recordo de nada.

Largámos a rir às gargalhadas. Podíamos, finalmente, ficar em paz: aquela noite nunca existira.

## TI PIMPÃO

O ti Pimpão aparecia, invariavelmente, no café, nos domingos à tarde, para jogar a sua partida de dominó.

Sempre de camisa lavada e com aqueles sapatos alaranjados impecavelmente engraxados, mantinha um aprumo invejado pelos cinquentões da sua criação, a maioria já com as carcaças arruinadas por cirroses galopantes.

Chegava por volta das três horas da tarde, bebia a sua bica e a sua água mineral, traçava a perna e acendia calmamente um cigarro à espera dos comparsas da jogatina.

Quando nos via esparramados pelas mesas, devorados pela ociosidade e pelo vazio de projectos, abanava a cabeça desolado.

- Não têm mais nada que fazer do que andar por aqui a polir as cadeiras dos cafés? Tanta rapariga que por aí há à espera de serem consoladas. Cambada de maricas, têm de ser os homens da minha idade a defender a honra do convento. É uma vergonha.

Humilhados, com o brio espicaçado, fartos de encaixar de cabeça baixa os insultos, acabámos, com o tempo, por romper os diques do respeito devido à diferença de idades e ripostar à provocação com uma insolência a que só a gente nova se atreve, quando derruba as barreiras que lhe entravam o livre curso das pulsões.

- Consta que vossemecê tem uma grande língua que regala as raparigas.

- E esse nariz afiado é das entaladelas que apanha quando elas apertam as pernas.

- É verdade que vossemecê já emprenhou uma gaja com a língua?

A princípio, o ti Pimpão, escudado num sorriso de desdém, ainda se atrevia a enfrentar-nos.

- Maricões! Se eu vos contasse...Mas vocês ainda são uns garotos para saber os segredos dos homens.

A guerrilha atingiu tais proporções que chegou a uma altura em que mal o ti Pimpão assomava o nariz à porta, o café fervia com as assobiadelas e apupos que choviam de todos os cantos. Apoplético, completamente descontrolado, o pobre homem, sem saber para que lado se voltar, inevitavelmente, acabou um dia por meter o rabo entre as pernas e desandar porta fora, perseguido pela enxurrada das nossas gargalhadas vitoriosas.

Tudo isto se passava em meados dos anos sessenta, é importante frisar. Corriam os tempos em que as aldeias das redondezas se esvaziavam dos seus filhos mais robustos e corajosos que todas as noites, em ininterruptas carradas clandestinas, transpunham a fronteira, rumo à França, em busca duma vida mais desafogada. Para colmatar esta sangria de braços de que tanto careciam as indústrias locais de plásticos e madeiras que começavam a florescer à sombra do festim europeu, entretanto, radicaram-se na região inúmeras famílias migrantes, oriundas do Alentejo e Ribatejo, escorraçadas das suas aldeias pela miséria e pela rapinice dos grandes latifundiários.

Entre elas, chegou, um belo dia, um viúvo acompanhado pela filha. A rapariga, com cerca de dezoito anos, era aquilo a que naquele tempo se chamava um traçalhão. Fresca como uma alface, passeava pela aldeia uns olhos profundos e verdes como as lezírias que a viram nascer, que jorravam labaredas de promessas nunca

cumpridas, a blusa empinada por um provocante par de seios que ateavam os sonhos mais enlouquecidos e alimentavam os nossos delírios nocturnos.

Era um sábado à noite invernal. Chovera todo o dia a cântaros e o temporal mostrava forças para continuar pela noite adentro, a bâtega a apedrejar, com fúria, a vitrina do café. Na televisão decorria mais um episódio do Bonanza, um filme de aventuras do oeste americano. A malta em delírio com a irreverente coragem do Joe Pequeno, não despregava os olhos do ecrã, quando a porta do café se escancarou com estrondo deixando entrar uma tromba de ar glacial. Ainda o pessoal não se conseguira recompor da abrupta interrupção, precisamente a meio duma arrebatadora cena em que o Joe se preparava para beijar uma escultural amazona, e já o viúvo, encharcado até aos ossos, irrompera pelo café adentro, com fúrias de tiro escumante, até à barreira do balcão. Empunhados pelos atacadores, erguia na mão encordoada, como troféus de caça, um par de sapatos. Toda a gente reconheceu logo os inconfundíveis sapatos alaranjados do ti Pimpão.

- A quem pertencem estes sapatos?

A nossa primeira reacção foi desatar às gargalhadas mas o olhar ensanguentado do homem secou-nos a garganta. Com meticulosidade de esbirro, devassava-nos o corpo e a alma; inspeccionava-nos os pés com aplicação de príncipe louco à procura da sua cinderela.

Ninguém tugia em mugia, as respirações suspensas, paralisados pelo medo dum tiro, duma facada tresloucada, sabia-se lá, que o homem estava perdido da cabeça, capaz de tudo.

Mas foi sol de pouca dura. Afinal, era um fraco. Bastou que o Zé do Café, no seu zelo de guardião da tranquilidade dos clientes e da paz do lugar, lhe viesse pôr

uma mão timorata no ombro para que o arreganho do homem se esboroasse, a carcaça desmoronada contra o balcão.

Debulhado em lágrimas, lamuriou-se da sua triste sina de viúvo, dos sacrifícios passados para criar aquela filha ingrata que, com ardores de cadela com o cio, lhe estava sempre a meter homens portas adentro, mal o apanhava fora de casa.

- Mas a este estive quase a apanhá-lo com a boca na botija. Nem teve tempo de calçar os sapatos. - Fungou, enxugou lágrimas e ranhos a um lenço surrado. Abanou a cabeça, desolado. - Foi melhor assim, podia ter acontecido uma desgraça. Por causa duma cabra daquelas.

- As mulheres são todas umas ingratas - assentiu o Zé do Café, atirando um olhar desgostoso à mulher que, passado o vendaval, rebolava o traseiro por entre as mesas, atiçando o cio da freguesia.

Os sapatos alaranjados do ti Pimpão, presos por mão cada vez mais mole, acabaram por tombar no chão onde ficaram de ventas arreganhadas por um sorriso trocista atirado aos nossos olhos.

No dia seguinte, domingo, às três horas da tarde em ponto, o ti Pimpão reapareceu no café. Sem nos conceder a mercê dum olhar, pediu uma bica e uma água mineral, acendeu um cigarro e traçou a perna. Nos pés, um cambado par de botas de trabalho. No acto de pagar a conta, as suas palavras soaram como pedradas :

- Ouve lá, ó Zé, não estão para aí uns sapatos meus que alguém veio cá trazer?

Agarrou os sapatos que o Zé, com cara de poucos amigos, lhe estendeu, meteu-os debaixo do braço e sempre com um sorriso desdenhoso físgado nos lábios, dirigiu-se, sem pressas, para a porta de saída.

Já com um pé na rua, voltou a cabeça e atirou-nos a pedrada mortífera:

- Cambada de maricas.  
Estávamos destroçados.

## TI ROSA

Pequena, olhitos azuis azougados no rosto recosido de rugas, mas ainda rija como um raio e sempre a cirandar, a ti Rosa não tinha papas na língua:

- Esta boca não há-de comer o pão que faz falta aos meus netos. Ir viver para casa dos filhos, nunca.

- Que remédio terás tu - diziam-lhe as outras velhas, resignadas, amochadas ao soalheiro. - Não és mais do que nós. Sempre assim foi, sempre assim será. É a lei da vida. Quando a tua hora chegar, faz como nós, roga a Deus Nosso Senhor que te leve o mais depressa possível. - E assim dizendo, erguiam os olhos sem luz para as alturas celestiais.

- Estão muito enganadas - tornava a ti Rosa. - Então vocês pensavam que eu era capaz de engolir uma côdea de pão roubada à boca dos meus netos?

Ao vê-la rodar caminho abaixo, as outras velhas abanavam as cabeçorras de animais moribundos.

- Coitada! Parece que está a ficar tolhida da cabeça. Uns começam pelos pés, outros são pela cabeça, qual será pior?

A ti Rosa deixava-as dar à língua, coitadas, era o único prazer que lhes restava e continuava a fazer pela vida como se nada fosse com ela. De pouco, quase nada, precisava para viver. Uns mimos de verdura arrancados na horta, uns ovos, umas cabeças de criação, uns dinheiritos para a mercearia, arrecadados com a venda do porquito na

feira dos dezoito, chegavam e sobravam para as suas necessidades.

Assim corriam os anos e o rancho de velhas inquietava-se cada vez mais com aquela teimosa rebeldia à inexorável lei da vida. Espiavam-lhe os mais imperceptíveis indícios de maleita, mediam-lhe, solertes, a agilidade do andar, a desenvoltura do cirandar. Sondavam-na:

- Ó Rosa, hoje não tás com boa cara. Vê lá se isso é coisa ruim. O melhor é avisar os teus filhos. A obrigação deles é cuidar de ti. Uma mulher da tua idade não deve viver para aí sozinha, abandonada. As pessoas até já falam.

- Os meus filhos não são para aqui chamados. Se vocês se sentem bem assim, continuem. Eu é que não quero viver à sopa dos meus filhos. Enquanto Deus me der duas pernas para andar e dois braços para trabalhar, não preciso de ninguém.

- Falas assim de poleiro porque ainda não te deu nenhuma maleita que te deixasse para aí entrevada. Quando isso acontecer, baixas logo a crista.

E lá vinha o habitual rosário de lamentações e queixumes a jorrar das bocas cavernosas escondidas pela mortalha dos lenços negros.

- Gostava muito de vos ouvir mas estou cheia de pressa. A criação está à espera da ração e, antes que anoiteça, ainda preciso de ir ali à horta colher um molho de grelos para a sopa.

E desandava rua abaixo acompanhada por uma revoada de pragas.

- Ainda há-de pagar com língua de palmo toda esta proa. Para falar com esta soberba, é capaz de ter vendido a alma ao demónio.

- Cruzes, canhoto. Olha que é capaz de ser verdade. A ti Rosa é mulher para ter mais de cem anos. Só mesmo coisas do mafarrico.

- É por isso que às vezes cheira a cornos queimados lá para os lados da casa dela.

- E a enxofre. Às vezes é um fedor que nem se pode lá passar.

- E andámos para aqui estes anos todos sem desconfiar de nada. Nossa Senhora nos proteja.

Estava encontrada a explicação para o caso. A nova correu célere pela aldeia. Apaziguou-se o rancho, ciclicamente renovado, das velhas na antecâmara da morte.

Os aldeãos persignavam-se disfarçadamente quando se cruzavam com a ti Rosa. Fugia dela, a sete-pés, a garotada maltrapilha.

Quanto à Ti Rosa, continuou por muitos e bons anos a cirandar, mouca à trama que a aldeia teceu à sua volta. Pode até ser que ainda esteja viva. Quem sabe?

## TI MAGALHÃES

O ti Magalhães nascera em berço de ouro, no seio de uma das famílias brasonadas da região. Ainda muita gente se recordava do pai dele, um daqueles médicos de aldeia, meio aristocrata, meio lavrador, distante e inacessível, perante quem os camponeses timoratos dobravam servilmente a espinha e descobriam as cabeças.

Tinha um irmão mais velho, o senhor coronel Magalhães, reformado do exército, que herdara e habitava o solar familiar, situado à saída da aldeia, a caminho da Ponte da Pedra, que ainda suscitava, à sua passagem, as mesmas naturais manifestações de deferência e respeito devidos à sua estirpe.

"Uma cavalgada", referia-se-lhe, com desdém, o ti Magalhães, ultrajado com este inadmissível, a seus olhos, servilismo. Mas é muito provável que, em tempos recuados, na sua juventude, quando ingressara na academia naval e, depois de concluído o curso, dava os primeiros e promissores passos como oficial da marinha, também o ti Magalhães tivesse beneficiado do mesmo tratamento respeitoso. Mas isso é pormenor que não posso comprovar e que, bem vistas as coisas, não interessa muito para o desenrolar da história. Quanto muito, só poderá ter certa utilidade para ajudar a precisar certos traços da sua personalidade, tais como uma certa propensão para a arrogância e para o autoritarismo.

Como geralmente acontece no caleidoscópio da vida, os acontecimentos precipitaram-se de modo imprevisto. Após a morte súbita do pai, fulminado por uma apoplexia, o jovem marinheiro regressou inesperadamente à aldeia. Refugiou-se na casa, encostada à igreja, que lhe tocou em herança, e que, ainda hoje, já em ruínas por falta de conservação, lhe serve de guarida.

Esquecidos galões, fardas e promissora carreira, entregou-se a um eremitismo só quebrado à hora do entardecer para ir saborear uma bica ao café, altura que aproveitava para vaziar em público as elucubrações congeminadas durante as longas horas de reclusão. E trazia a boca cheia de palavras secas e rudes que afugentavam os aldeões timoratos. Falava de ascetismo, de frugalidade, de renúncia aos prazeres e, o mais assustador naqueles tempos negros, de liberdade. A liberdade nascida da renúncia. Conceito incompreensível para aquelas pobres gentes que sonhavam, dia e noite, com uma mais farta côdea de pão.

Quando, mal administrado, o naco da herança que lhe tocou se esfumou, devorado pelo bando de abutres que ocorreu ao banquete farto e inesperado, o ti Magalhães começou a alugar a força dos braços em ocasionais trabalhos agrícolas sazonais ou então pelas serrações que começavam a proliferar.

Acredito que foi nesta transição da sua vida que a tábua-rasa dos aldeões o atirou para o rol dos ti todo-o-mundo, sem que ele, alheado, tivesse prestado qualquer atenção a esta degradação de tratamento.

Entrava eu então nos meus dezoito anos cheios de sonhos e revoltas. Vezes sem conta perdi festas e romarias para ficar à sua beira a sorver-lhe as invectivas contra o pobre rebanho humano que caminhava, pelas veredas da vida, de olhos cegos pela ambição e pela luxúria.

Já devorara então umas boas dezenas de livros, experimentara o sabor dos primeiros amores e emborcara uns avantajados copos de tinto ao balcão ensebado das tavernas. Sentia-me, pois, no direito de deixar crescer a barba e de substituir o cigarrito furtivo por um fumegante cachimbo que empestava os ares por onde passava.

Um dia, o ti Magalhães, quando me viu entrar no café naquele preparo, chamou-me à parte. E deu-me uma daquelas lições devastadoras que ficam, para sempre, gravadas na memória. "Ouve lá! Perdeste o juízo? Ainda aqui há dias te ouvi, e muito bem, criticar o senhor Afonso que anda para aí a exhibir o seu mercedes, como uma provocação à miséria do povo e tu acabas por fazer exactamente como ele? Enquanto ele exhibe os seus bens materiais, tu fazes gala dos teus atributos intelectuais, atirados ofensivamente à ignorância e ao analfabetismo do povo a quem foi negado o direito ao saber e ao conhecimento. Vai já cortar essa barba e atira imediatamente esse cachimbo para o lixo."

Saí dali murcho e de orelhas a escaldar e só não lhe obedeci devido a um daqueles acessos de rebeldia juvenil próprios da idade. Mas passei a evitar os dardos acerados dos seus olhos dum azul metálico e incriminatório.

Passados dias, o ti Magalhães, rodeado e escutado por um grupo de rapazolas enleados pela sua verve, perorava mais uma vez, com inspirada eloquência, sobre a decadência humana. Foi quando o Chico, inquietado por profundo imbróglgio metafísico, se lhe dirigiu com humildade: "Mestre, esclareça-me uma coisa..."

O ti Magalhães voltou solenemente a cabeça calva para o discípulo e, para espanto meu, vi-lhe rebentar no lago profundo dos olhos azuis, uma quase imperceptível bolha de fatuidade.

Desde esse dia, o ti Magalhães começou a passear pela aldeia o seu título de Mestre com a mesma presunção com que o senhor Afonso exibia o seu mercedes ou com que eu ostentava a minha barba e o meu cachimbo.

Afinal, o Mestre era feito do mesmo barro humano que todos nós.

## TI BELEZAS

Noite televisiva de festival da canção. Mais uma daquelas então tão frequentes ocasiões em que o café se enchia de raparigas, mas que, infelizmente, como sempre em tais circunstâncias, de olhar pingão cravado nos seus ídolos, esses embonecados e polvilhados Calvário, Garcia, Mourão e outros que tais, mais uma vez, elas não nos concederam a mercê dum olhar redentor ou a esmola dum sorriso encorajador. Era como se uma muralha invisível se erguesse entre os nossos interesses inconciliáveis e cerceasse a mais leve esperança de empatia.

Nem mesmo depois de tudo terminar, no rescaldo do serão, as momices do ti Zé Pimpão, com a inspiração refrescada por meia-dúzia de bagaços, conseguiram arrancar-nos das garras da desolação.

- Não liguem, pá. Aquilo é tudo uma cambada de paneleiros - tentava ele levantar-nos a moral.

Mas não havia remédio para os nossos males. Ficámos por ali, de cristas caídas, esparramados pelas mesas, até que o Zé do Café nos varreu para a rua, já eram bem batidas no sino da igreja, as duas horas da madrugada.

Corria o mês de Junho e a noite estava cálida e silente. Arrimados à parede do café, numa vigília silenciosa, nem forças tínhamos para mordiscar no irrefutável prestígio daqueles saltimbancos do nacional-cançonetismo por quem solteiras e casadas da aldeia e, tínhamos de dar a mão à

palmatória, até mesmo, do Portugal de lés-a-lés, suspiravam e se esvaíam.

Foi quando, excrescência da noite, nascido do fundo do nossos pesadelos, nos surgiu pela frente a figura demoníaca do ti Belezas, o temido feitor da quinta da Carvalha. Nem mesmo os garotos mais afoitos, mais ágeis do que coelhos, se atreviam a franquear as fronteiras daquele cobiçado reino que aquele cérbero de alma peluda e empedernida vigiava dia e noite, de dedo no gatilho da caçadeira sempre ansiosa por jorrar tonitruantes e dolorosas descargas de sal grosso nos costados e traseiros dos intrusos incapazes de resistir aos apelos odorosos das frutas a sazonar nos pomares bem tratados e soalheiros.

- Vocês não estejam para aí a tramar algum assalto aos meus pomares. A minha caçadeira está mortinha por vos dar uns beijinhos nessas peidas madraças. - Uma gargalhada insuportável jorrou-lhe da bocarra como cascata de ferraria a retinir no empedrado das dentuças cavалares e apodrecidas. - Vou já andando para vos preparar a recepção. Se os têm no sítio, apareçam por lá.

Olhámo-nos, perplexos. Mas naquela noite aziaga, a provocação do verdugo em vez de nos intimidar como habitualmente, espevitou-nos o orgulho acachapado.

- Quem quer ir comigo assaltar a quinta? - desafiou o Luís da Pereira, com um brilho feroz nos olhos.

Demos todos um passo em frente, como um só homem, dispostos a vencer ou a morrer. É em tais circunstâncias que nascem os heróis, estou em crer.

Eu, nesses tempos, andava a estudar para guerrilheiro. Não riam que é verdade. Em vez de sensatamente me aplicar nas leituras escolares que me abrissem as portas dum futuro risonho, queimava noites e pestanas em leituras que me forjassem o espírito para as grandes campanhas revolucionárias que se avizinhavam.

Levado pelo delírio, já me via à frente dum arrojado grupo guerrilheiro que nas serras do Buçaco ou da Estrela se cobrisse de glória antes de descer triunfalmente às portas de Lisboa para varrer da face da terra a corja fascista que há décadas sugava a alma e o corpo do povo.

E que melhor oportunidade do que aquela se me apresentaria para testar, no terreno, a operacionalidade das minhas leituras exaltadas?

Ali mesmo traçámos o plano do ataque ao pomar, por essa época repleto de pêssegos e ameixas. Plano sem grandes floreados, que se poderia colher nas primeiras páginas de qualquer curso de guerrilha acelerado, mas que se viria a revelar duma eficácia surpreendente.

Enquanto o grosso da coluna expedicionária esperou, emboscado no pinhal bordejante, a ordem de ataque, os dois rapazes mais velozes do grupo, o Luís e o Zé Tó, aceitaram, sem pestanejar, a heróica missão de arriscar o pêlo, chamando sobre eles, deliberadamente, a atenção do Ti Belezas, a fim de o desviar para longe do pomar.

Cedo nos apercebemos, pelo alarido que encheu a noite que, tal como planeado, os dois rapazes cumpriram à risca a sua missão e que o ti Belezas engolira o anzol até às tripas. O eco das vozes e o estrídulo dos tiros a ecoar pelo bojo dos pinhais e pelos quebrados dos montes, perdia-se cada vez mais longe nas profundezas na noite. Chegara o momento.

- Ao ataque!

Entrámos pomar adentro como um vendaval. Numa fúria retaliadora e incontrolável, esgaçámos braçadas, destruímos, destroçámos e, quando, prudentemente, souu a ordem da retirada, não restava árvore incólume, como se os cavalos do apocalipse por ali tivessem andado, de freio nos dentes, nessa noite assombrada.

O ti Belezas nunca mais se recompôs da humilhação sofrida. Ferido até às tripas no seu empedernido orgulho, durante largas semanas ninguém lhe pôs a vista em cima.

Quando acabou de lambar as feridas profundas, lá o lobrigávamos, de tempos a tempos, pelas sombras mais densas das tavernas mais esconsas, a engolir solitários copos de tinto que lhe deviam saber a veneno.

Não era preciso grande perspicácia para compreender que aquele vulto curvado e subitamente senil, perdida a razão da sua existência, pouco mais tinha a esperar da vida, pronto para prestar contas dos seus actos ao diabo.

## TI PISCO

Dia medonho, aquele. Glacial, parado, cinzento, a noite a estender-se dia dentro ao encontro de outra noite.

Chico Faleiro pousou a tesoura de podar sobre um molho de vides e pôs-se a assoprar os dedos enregelados. As baforadas saíam-lhe da boca gordas como vômitos de locomotiva. Com as costas da mão, varreu as lâminas de gelo coalhadas nas sobranceiras e nas pestanas e pôs-se a avaliar o trabalho feito. Não conseguia enxergar mais do que dois metros de profundidade ao seu redor, mas conhecia aquela vinha como as palmas das suas mãos, gabava-se de conhecer as cepas uma a uma, e sorriu satisfeito. Mais uma jorna e teria a poda feita.

Com as mãos engadanhadas, sacou o relógio da algibeira: cinco horas da tarde.

- Chega por hoje - monologou.

Lá em baixo, junto ao ribeiro, o jumento desatou a zurrar. Um zurrar que se esfrangalhava em mil ecos contra a muralha de nevoeiro, cada vez mais cerrado com a vizinhança da noite.

- Àquele já lhe cheira a palha.

O animal, mal o pressentiu, arrebitou as orelhas e tornou a zurrar mais forte.

- Tás a morrer por ir para casa, não é? Também eu... tá um tempo de lobos.

Albardou o animal, soltou-o do tronco do olmo e de um salto, escarranchou-se-lhe no lombo.

- Ala.

O jumento avançava de cabeça baixa, guiado pelo instinto. O caminho era uma fita sinuosa que se desdobrava mesmo à frente deles enquanto a cerração se rasgava só para os deixar passar, para logo dissipar todas as marcas da violação. Espaçadamente, vozes, vindas sabe-se lá de onde, ficavam a retinir por ali.

Chico Faleiro, olhos apertados, protegidos pelo boné, as garras do frio a entrarem por todos os buracos da roupa, cogitava na vida, o que era frio sobre frio. O dinheiro apurado com a venda das batatas nem por sombras cobria a despesa feita. Produção em excesso, arengavam na telefonia. O raio que os partisse. Farto de lérias estava ele. Bem aguentara o raio das batatas na arrecadação, com uma fezada que o preço subisse mas qual quê, ainda baixara mais. E muita sorte tivera ele. Muitos nem tinham a quem vendê-las. Ficavam a apodrecer. Trabalho a apodrecer, a vida a apodrecer.

Subitamente, um ruído estranho, como que uma restolhada, furtou-o aos seus pensamentos. O que seria? Estacou o jumento. Pôs-se a perscrutar a névoa. Agora sim, um gemido humano, nítido, soltou-se mesmo ali ao lado.

Saltou, lesto, da albarda.

- Quem tá aí? O que há?

- Pel'amor de Deus, acudam-me. Ai que eu morro.

O vulto rastejante começou a focar-se no nevoeiro.

- Quem é...quem tá aí?

- Sou eu..acode-me, Chico...'tou a morrer.

O ti Luís Pisco caiu-lhe nos braços, pesadamente. Tinha o rosto branco como a cal, sujo de barba e terra, os olhos desfalecidos num mar de rugas. Apertava a barriga, desesperadamente.

- O que foi, ti Pisco? Tá doente?

- Foi o meu filho...aquele desgraçado espetou-me uma forquilha na barriga. Acode-me, pel'amor de Deus...'tou muito mal.

Era verdade. Um líquido escuro e espesso, sangue, escorria-lhe por entre os dedos crispados.

- O seu filho?! Esse desgraçado? Como foi?

O ti Pisco já não respondeu. Desmaiara.

Chico Faleiro deitou-lhe as mãos e içou-o para o jumento com os cuidados possíveis num homem habituado a lidar com sacos de batatas.

- Valha-me Deus. Não me bastavam já os meus problemas. O desgraçado do rapazola. Para o que um homem tá guardado. Arre, Castanho! Vamos lá antes que o coitado me morra nas mãos.

A notícia espalhou-se como um rastilho. Nas tabernas, na igreja, no barbeiro, no café, em toda a parte onde se juntavam duas pessoas, avolumava-se, distorcia-se, em versatilidades de arregalar olho.

"O Pisco foi espetado pelo filho".

"Foi o Chico Faleiro que o encontrou ainda com a forquilha espetada nas tripas."

"Já morreu."

"O filho já foi preso pela Guarda."

"O filho fugiu, anda a monte."

Acalmada a primeira fervura, a verdade dos factos começou a vir à tona. Após os primeiros socorros no hospital de Leiria, e devido à gravidade do ferimento, o ti Pisco seguira de ambulância para Coimbra e, por lá continuava a agarrar-se à vida, com teimosia de camponês. O filho, para pasmo de todos, continuava à solta, furtando-se a todas as conversas, cosendo-se pelos becos quando via gente, os dias ocupados no amanho dos campos paternos, sem tirar nem pôr como antes dos acontecimentos.

Correram os dias, as semanas, os meses, até que um dia o Chico Faleiro, ao entrar na tasca do Américo, deu de caras com o ti Pisco. Um ti Pisco arrimado a uma bengala, magríssimo, olhos encovados cheios de horrores.

- É mesmo vossemecê? Dê cá um abraço.

- É como vês, é como vês. Obrigado pelo que fizeste por mim. Salvaste-me a vida.

- Ora, ora! Vossemecê faria o mesmo. Temos de ser uns para os outros. Dê cá um abraço e vamos molhar a goela.

- Não apertes muito que isto ainda não tá bom. Só com o tempo.

Beberam em silêncio. Mandaram vir mais uma rodada.

- Não peço o que passei nem para o meu pior inimigo. Ai de quem precisa de hospitais. Gente a morrer a toda a hora. A comida. Os pratos. Um horror.

- O que lá vai lá vai. Agora precisa é de arribar.

A roda aumentou. Olhos e bocas boquiabertas a sorver aquele pedaço de insólito.

- Olha quem é ele. Olha o ti Pisco.

Veio mais vinho.

- Estive entre a vida e a morte. Escapei por uma unha negra.

- Pode ficar bem-agradecido ao Chico.

Bebeu-se mais, a conversa a transbordar. Até que a pergunta, que bailava na cabeça de todos, saltou, liberta pelo álcool.

- Atão, não manda prender o diabo do seu filho? Que raio de homem é vossemecê?

O ti Pisco endireitou-se, agarrado ao balcão e à bengala, os olhos cheios de vinho e restos de febre.

- Tão doidos ou quê? Ia metê-lo na cadeia e depois quem é que me tratava das terras? Vocês? Ia pô-lo à boa-

vida na prisão? O castigo dele é ter de fazer o trabalho a dobrar. O dele e o meu. Isso sim, é um valente castigo.

## TI INÁCIA

A aldeia era pródiga em camas de feno e refúgios nas matas convidativos à consumação das mais ardentes paixões. Principalmente no verão, quando as noites eram cálidas e, nos regressos das festas e romarias das aldeias vizinhas, os sentidos andavam assanhados e perturbados pelos apelos mais profundos e irresistíveis da natureza.

Não era pois de estranhar que regularmente o ventre generoso de uma ou outra rapariga na flor da idade começasse subitamente a arredondar em exuberante promessa de fecundidade.

Foi esta trivialidade que aconteceu, como a muitas outras antes dela, à Mariazita. Quinze anos mal feitos, corpo em botão a querer desabrochar, olhos esverdeados de gata travessa e um fio de voz de regato a cantarolar, foram atributos mais do que suficientes para virar a cabeça ao Luís da Zeza, um rapagão já apurado para a tropa, com fama e proveito de femeeiro bem-sucedido entre solteiras e casadas.

Perspicaz, de olho alerta, a Ti Inácia depressa adivinhou a razão dos primeiros enjoos da filha.

- Tás prenhe, não é, desgraçada? Parecem umas cadelas com o cio e depois é o que dá. O rapaz que venha cá a casa para combinar o casamento.

Mas, pelos vistos, o casamento não encaixava nos planos imediatos do Luís. Esperava-o a tropa, sonhava, como a maioria dos rapazes daqueles tempos, dar o salto,

enriquecer em França, provar o gosto do mundo, que adivinhava sumarento de vida e prazeres.

- Esse rapaz vem cá a casa ou não vem? - apertava a cerco a Ti Inácia. - Ou precisa que o teu pai lhe vá pedir contas?

A Mariazita debulhava-se em lágrimas, os vestiditos de catraia cada vez mais empinados, um véu de temor a roubar-lhe a luz dos diamantes dos olhos. Só ela sabia as desculpas e as objecções que escutava, nos encontros furtivos, da boca do namorado.

Quando viu que a situação se começava a degradar, a ti Inácia encostou o marido à parede.

- Vais imediatamente falar com o rapaz. Não há tempo a perder. Queres ficar com mais uma boca a comer cá em casa e a rapariga para aí desgraçada e enxovalhada?

O marido era um homem timorato, sem grande rasgo. Ganhava o pão nosso de cada dia como alombador na serração do Meneses, bebia uns copos pelas tascas, de vez em quando fazia mais um filho à mulher e quando a época da caça abria, calcorreava montes e vales atrás das perdizes e dos coelhos.

- Não te aflijas, mulher. Ele qualquer dia aparece por aí. Onde é que vai arranjar melhor partido do que a Mariazita?

A verdade é que o Luís não dava sinais de vida e, a dar crédito às bocas das coscuvilheiras, até já deixara de se encontrar com a rapariga que, repudiada e acossada pela mãe, chorava baba e ranho por todo o lado.

- Já que não tenho um homem de tomates cá em casa, eu vou falar com o rapaz. E juro, diante da Virgem Santíssima, que esse tralfulha não se vai ficar a rir de ninguém.

Dito e feito. Foi um episódio memorável que durou, quanto muito, cinco minutos, mas que alimentou durante

semanas a fio o falatório da aldeia. Conta-se em poucas palavras.

Estava o Luís, no café do Zé, a meio duma empolgante partida de dominó, quando sentiu, inesperadamente, os canos frios duma caçadeira contra a nuca.

- Vais dizer, diante desta gente toda, se foste tu que empenhaste a minha Mariazita. Foste tu ou não? - perguntou, com voz rija, a ti Inácia, empunhando firmemente a arma.

Que remédio tinha o rapaz senão confessar publicamente o seu acto.

- Fui sim, ti Inácia. Baixe essa arma que pode matar alguém.

- Se é assim, amanhã vai lá a casa para combinar o casamento antes que a criança nasça.

E, sem mais palavras, a mulher pôs a arma ao ombro, e, de cabeça erguida, atravessou, sem pestanejar, até à porta da rua, as alas petrificadas dos fregueses.

E fosse porque se tivesse amedrontado, fosse porque lhe tivesse roído a consciência, fosse porque gostava mesmo da rapariga, ou por tudo isto junto, no dia seguinte, o rapaz apareceu lá em casa para resolver a situação.

Os olhos da Mariazita tornaram a fulgir como diamantes, o casamento realizou-se em pouco tempo e nada leva a crer que o Luís se tivesse arrependido do seu gesto.

Afinal, a Mariazita era uma bela rapariga, meiga, alegre e trabalhadeira como poucas, que sempre o ajudou na vida, mesmo quando, passados anos, partiram para França em busca duma vida mais folgada.

## TI ABEL

Lá em casa, nos tempos da minha adolescência, as nossas noites de consoada eram tristes, marcadas pela ausência do meu pai, há largos anos condenado ao exílio, em terras distantes, por capricho das forças maléficas que amordaçavam e exauriam o nosso pobre Portugal.

É verdade que sempre a cozinha se enchia com os odores bons das filhós a dourar na frigideira e que o lume crepitava alegremente espevitado por um braçado de vimes. A minha mãe, com aquela coragem admirável que sempre a acompanhou em vida, cobria a mesa com a alva toalha de linho das festas, abria uma garrafa de porto e afugentava a tristeza com um punhado de gargalhadas francas e contagiantes.

Mas não era o bastante. A tristeza, momentaneamente escorraçada, atirada de roldão porta fora, não se dava por vencida: estrebuchava, reganhava forças, procurava teimosamente brecha por onde rasgar caminho e ainda a noite ia a meio, ferrava-nos outra vez as dentuças na garganta, desta vez para nunca mais nos largar até à hora do deitar precoce, afugentados pelo frio intenso que descia do telhado e apressava os estertores do lume descurado.

Foi numa dessas noites, ia eu pelos meus dezoito anos que, inesperadamente, soaram hesitantes pancadas na porta.

- Será o Menino Jesus? - galhofei.

Para nosso espanto, foi a sombra encarquilhada do ti Abel que se recortou, furtiva, na soleira da porta.

- Entre, criatura - disse, de pronto, a minha mãe. - Não fique aí ao frio.

Nos curtos intervalos das bebedeiras, o ti Abel era engraxador, lá por Leiria, com poiso incerto nas redondezas do jardim. Cronicamente à procura da caixa da graxa esquecida pelas tascas na cavalgada dos copos. O que, não é preciso dizê-lo, era o recommençar do que nunca acabara: uma laracha aqui, um copo ali, a lá tornava a caixa a ficar abandonada, outra vez, por algum canto, pacientemente à espera que o dono ganhasse a lucidez suficiente para a voltar a procurar. "O ti Abel, já perdeu outra vez a amante?", perguntavam-lhe na galhofa.

No regresso a casa, ali a dois passos na nossa, a miséria, a balbúrdia, e as cenas de pancadaria eram o pão nosso de cada dia. A mulher aparecia, com frequência, de olhos pisados, a clamar contra o malvado de marido que Deus lhe dera e que, ainda por cima, a enchera de filhos maltrapilhos.

"Que mal fiz eu para ter esta sina?", clamava, desesperada, de braços erguidos ao céu.

- Então, ti Abel, o que o traz por nossa casa? - perguntou a minha mãe, oferecendo-lhe um copo de vinho.

O ti Abel recusou o vinho, com uma dignidade que me deixou boquiaberto. Agucei os ouvidos, alerta.

Ali de pé, sóbrio, patético, retorcendo o quico nas mãos, a princípio com as palavras a escorregar na garganta, o ti Abel enveredou por um discurso articulado e medido, sem pieguices, que toda a gente julgaria impensável naquela cabeça emaranhada pela bebida. Falou no desejo de dar um rumo à vida, de assumir, finalmente, as suas responsabilidades de pai de família, de emigrar, enfim, de dar o salto para França em busca duma vida diferente que o

salvasse do pântano em que se atolara. Quando chegou aqui, à parte crucial, os olhos, dum azul deslavado, esvoaçaram como borboletas entontecidas, as palavras tornaram a escorregar na garganta, quase inaudíveis:

- Vinha pedir à senhora o grande favor de me emprestar o dinheiro para pagar ao passador.

Ficou um silêncio tétrico cortado pelo arquejar do ti Abel. Um vento agreste rosnava na chaminé, ameaçava apagar o lume.

- Fale lá com o passador que eu empresto-lhe o dinheiro - disse a minha mãe, a atizar as brasas com a tenaz.

Eu ia protestar, tentar demovê-la daquela loucura mas o relampejo do seu olhar deixou-me sem voz. Era o mesmo relampejo que eu lhe conhecia quando sentava à nossa mesa as crianças desprotegidas da aldeia ou que a impelia a estender a mão às pobres gentes da vizinhança atingidas pelo infortúnio.

O ti Abel perfilou-se no meio da cozinha, comandado por força brutal que lhe subiu das entranhas. Nos olhos dançavam-lhe as labaredas do lume atizado.

- Minha senhora, prometo que nunca mais tocarei numa gota de álcool.

Aquilo dito assim, num despropósito, numa voz queimada pelo bagaço, quase me arrancou uma gargalhada, mas o olhar severo que a minha mãe me lançou secou-me a garganta.

- Vá com Deus, ti Abel, e volte cá quando tiver tudo preparado. Tenha boa sorte.

Passado um ano, contra todos os vaticínios, o ti Abel regressou de França para prestar contas à minha mãe. Era um homem transformado, temperado e remoçado pelo trabalho árduo. Ainda hoje lhe estou a ver as mãos firmes e calejadas, a bater as notas, uma a uma, sobre a mesa da cozinha, a dívida honradamente resgatada.

- Obrigado, minha senhora, nunca mais esquecerei o que fez por mim.

- Vai um copo de vinho? - ofereci.

O ti Abel encarou-me com um brilho metálico no olhar.

- Lá na França, nas horas difíceis e de desânimo, nunca me esqueci da promessa que fiz, vai para um ano, nesta cozinha. E, até agora, sempre Deus me deu forças para resistir a todas as tentações.

Levou a família para França e passado pouco tempo, mandou construir uma airosa casita, ali à beira do pinhal, que todos os anos, lá pelas férias, em Agosto, se enchia de risos e alegria que era um regalo admirar.

## TI ALÍPIO

O Ti Alípio tinha alma de poeta. Voz repousada e melodiosa como cantar de ribeiro. Cabelos negros e anelados de deus grego. Olhos castanhos e sonhadores. Dedos longos e nervosos.

Sem filhos - porque Deus não mos quis dar, resignava-se -, nas horas de repouso do seu trabalho na fábrica de plásticos, em vez de se ir emborrachar nas tabernas com os outros homens, sentava-se no quintal, à sombra da macieira, rodeado de galinhas, patos e revoadas de pombos, com um livro amorosamente esquecido nas mãos.

- Lá está o doutor - espicaçava-o a mulher, furiosa por não poder devassar aquele mundo estranho das palavras.  
- Ainda vais dar em maluco de tanto ler. Vai mas é reparar a coelheira que está a cair aos bocados, qualquer dia os coelhos fogem todos pelos buracos.

O Ti Alípio sorria, afagava a cabeça do cachorro que entretanto se lhe viera aninhar entre as pernas e remergulhava no prazer da leitura. Se as palavras, cada vez mais ásperas, da mulher o molestavam, pelo menos não dava essa impressão. Além disso, era um homem meticoloso, trazia o quintal num brinco, ele próprio se ocupava amorosamente da criação, até mesmo a horta que amanhava, ali para os lados da ribeira, andava sempre viçosa e verdejante, fecundada com a poesia que lhe escorria das mãos.

Foi o amor comum aos livros que nos tornou amigos. Eu e o ti Alípio éramos praticamente os únicos frequentadores da biblioteca itinerante da Gulbenkian que, uma vez por mês, passava pela aldeia e lançava a âncora, ali na bifurcação da estrada da Figueira com a de Amor. Que cumplicidade a nossa ao percorrer, lado a lado, amorosamente, com as pontas dos dedos, as lombadas dos livros que se ofereciam generosamente à fome dos nossos olhos deslumbrados!

- Os livros são os nossos melhores amigos - segredava-me o ti Alípio, naqueles momentos sobrenaturais.  
- Dão-te tudo, sem te pedir nada em troca.

Era preciso que os funcionários da biblioteca, a cabecear de sono, fatigados pela cavalgada de aldeia em aldeia, nos lembrassem que eram horas de partir: "daqui a um mês há mais, toca a despachar", para que nos decidíssemos a abandonar, contrariados, aquele santuário do saber. No regresso a casa, carregados de livros, fazíamos um bom troço do caminho juntos mas mal falávamos, para quê palavras?, sentindo pulsar debaixo do braço a alma do universo.

- Boa noite, ti Alípio.

- Boa noite, Manel.

Ele abria a porta do quintal. O cachorro vinha saltar-lhe aos joelhos, a ganir. Ele fazia-lhe uma festa. Eu prosseguia rua acima, ao encontro de mais uma noite de insónia, devorado pela febre da leitura.

Mas certo dia fatídico, o ti Alípio foi atingido pela tragédia que ciclicamente flagelava a aldeia e a feria nos seus alicerces mais profundos, deixando à sua passagem um rasto de desolação, miséria, fome e gritos: o zé cortou um braço na serração; o luís ficou sem dois dedos nas obras; o Mário esmagou a mão na fábrica.

Pagou, naquela hora amaldiçoada, o preço duma desatenção momentânea. Quando os colegas de trabalho correram aos gritos desesperados e conseguiram abrir as mandíbulas vorazes do molde, a mão direita do infeliz era um saco informe de carne ensanguentada e ossos triturados. Os médicos, perante a gravidade irremediável do estrago, não tiveram outro remédio senão amputar-lha, à altura do punho.

Quando regressou do hospital, ainda com o coto entrapado, o ti Alípio perdera o prazer da leitura. Andava por ali, pelo quintal, a pregar uma tábua, a limpar umas ervas ruins, a deitar milho às galinhas, perseguido pela língua de víbora da mulher: " agora já nem serves para espantalho dos pardais, desgraçado". O ti Alípio sorria e continuava a sua faina como se nada tivesse escutado.

Assim passaram alguns meses. Até que certa manhã, para surpresa geral e grande alívio da mulher, farta de arcar com a responsabilidade daquele fardo, o ti Alípio pegou numa manta às costas e, sem uma palavra, sempre com aquele sorriso nos lábios, foi viver para o barracão em ruínas da horta da ribeira.

Aquilo era viver de bicho. A chuva e o frio entravam de roldão pelo telhado esburacado. A sua cama era uma velha e carunchosa arca de cereais forrada com camisas de milho. Alimentava-se de ervas e raízes que colhia pelos campos quando se aventurava a sair da sua toca, cada dia mais inexpugnável e protegida dos olhares curiosos pelos matozinhos de silvas que avançavam em hordas cerradas da ribeira.

Durou aquele viver um bom par de anos. Até que, em princípios de primavera radiosa, quando as seivas profundas da vida irrompiam em cachão por todo o lado e as acácias jorravam os seus polénes luminosos, o ti Alípio desapareceu.

Sem deixar rasto. Volatilizado. Diziam, depois, as

peessoas que se transformara em lobisomem e que já alguém o lobrigara, aos uivos, pelo bojo dos pinhais, em noites de assombração.

## TI ZÉ DOS MELÕES

O ti Zé dos Melões fazia-me lembrar o zé povinho do Bordalo, com aquela cara redonda e bonacheirona, atravessada por uns clarões de quem-sabia-mais-do-que-mostrava que lhe iluminavam os olhos castanhos e aguados de perdigueiro fiel.

Chegara à aldeia na levada de famílias ribatejanas, dos lados de Almeirim, que transplantaram, então, para o vale do rio Lis a sua lendária experiência de hábeis cultivadores de melões.

Quando a época da colheita se aproximava e precisava de pernoitar no campo, não fosse a ladroagem investir o fruto do seu labor, não raras vezes o ti Zé passava pelo café para convidar a rapaziada a acompanhá-lo na noite de vigília: tragam o vinho que eu ofereço os melões.

Acompanhados de vinho branco, sabiam a mel aqueles melões criteriosamente escolhidos por olho de mestre.

- Se eu já tivesse apalpado tanto cu de mulher, como cu de melões já apalpei, era o homem mais feliz do mundo - ria-se o ti Zé dos Melões, seleccionando os melões para a noite. - Experimentem lá este. Dou-vos o meloal inteiro, se não prestar.

E como sempre, estava divinal. Vinho branco fresquinho, um céu recamado de estrelas, melões daqueles, a sinfonia dos grilos e um bom punhado de histórias eróticas e inspiradas, o que poderíamos esperar de melhor na vida?

Mas há sempre o reverso da medalha. Infelizmente, o ti Zé dos Melões era também um aficionado do futebol. Não daqueles que sabem os nomes de todos os jogadores e que são capazes de recitar, como papagaios, todos os resultados dos campeonatos nacionais, desde a primeira até à última jornada. Infelizmente, nada disso. O que o ti Zé dos Melões gostava era mesmo de jogar à bola , de participar nas nossas animadas jogatinas dos domingos de manhã. Afiançava ter jogado por equipas a sério, lá pelo Ribatejo, mas desses controversos tempos gloriosos pouco talento lhe restava, ficara só o entusiasmo de catraio que nos punha a cabeça em água.

Que saudades daqueles tempos! Enquanto as mulheres iam bater com a mão no peito para a missa e os homens mais responsáveis iam espiar o medrar das hortas e das vinhas, a malta nova enrijava pernas e pulmões em encarniçadas partidas de futebol ali na clareira do pinhal, à saída da aldeia, a caminho dos Marrazes, na abrigada frondosa dos pinheiros seculares, tão grossos que nem três ou quatro de nós, de mãos dadas, os conseguíamos abraçar.

Armado de grossas botas cardadas, capazes de fazer arrepiar as canelas mais afoitas, o ti Zé aparecia invariavelmente já a partida ia adiantada e as forças do pessoal começavam a fraquejar.

- Agora é que isto vai aquecer - gritava-nos. - Parecem uns patos marrecos.

Mal interceptava o primeiro passe mal dado e conseguia apossar-se da bola, não queria saber de mais nada, esgueirava-se por entre os pinheiros com agilidade de lebre, não havia ninguém que o caçasse. Estas investidas fora dos limites do terreno quebravam a corrente do jogo por períodos cada vez mais longos e intoleráveis que nos esfrangalhavam os nervos.

- Ti Zé, volte para o campo. Aqui é que vossemecê mostra o que vale. Não assuste os coelhos.

Era o voltas! O homem ganhava gosto à cena, divertia-se como um rei naquele jogo de gato e rato. Rasgava-se de alto a baixo em divertidas gargalhadas que lhe enchiam os olhos de lágrimas de felicidade e que resvalavam numa chinfrineira pelos troncos dos pinheiros.

- Se querem, venham cá agarrar-me.

Mas quem é que o agarrava! Só voltava quando muito bem lhe dava nas ganas. Finalmente, reatada a partida, logo que a bola, por passe desatento, lhe fosse parar outra vez aos pés, a cena repetia-se a papel químico e lá tornava ele a investir para o pinhal, mais uma vez quebrado o ritmo do jogo.

- Só sabe marrar para aquele lado, este cornudo - exasperava-se o pessoal.

Aquilo não podia continuar. Era preciso tomar medidas, encontrar uma solução que remediasse, de uma vez por todas, o problema. Ainda pensámos delimitar o campo, estabelecer rígidas leis de fora de jogo, mas para tal seria preciso traçar linhas, enfim, uma trabalhadeira muito além dos nossos simples interesses lúdicos.

- Achei! - gritou-nos uma manhã, alvoroçado, o Luís da Alice. - Vai ser trigo limpo.

Na mão trazia uma bola de borracha já rebentada por tanta biqueirada que apanhara.

- A solução está aqui. O ti Zé nunca mais vai ter o desejo de jogar à bola.

Era um plano simples e perigoso mas ao qual logo aderimos, como náufragos. Consistia ele em introduzir uma pedra dentro da bola que colocaríamos na marca da grande penalidade à espera que a cabeça do ti Zé dos Melões surgisse, como sempre risonha, à esquina da casa lá ao

fundo, para morder o isco como um glutão. E logo ele que se pelava todo por marcar os penaltis.

- Eu marco esse penalti - gritou ele lá de longe, mal viu a bola toda composta à sua espera. Mediu distâncias, correu, alçou a arrastadeira, visou o alvo e, pumba!, caiu para o lado, como um tordo.

- Ai o meu pezinho, ai o meu pezinho.

Olhámo-nos , amedrontados. E se o pobre homem tivesse partido o pé? Já dávamos anos de vida para que aquele plano louco nunca nos tivesse passado pela cabeça.

Precipitámo-nos todos em seu socorro. Felizmente que o cabedal da bota era de primeira qualidade e atenuara a violência do impacto.

- O que foi que aconteceu? - perguntava o ti Zé dos Melões, atordoado, sentado por terra.

- Vossemecê, em vez de acertar na bola, espetou uma grande biqueirada na terra. Podia ter partido o pé. Olhe o que ia arranjando! Nunca mais o deixamos jogar à bola, é muito perigoso para um homem da sua idade.

Ainda desconfiado, mas não vendo nada de anormal ao seu redor, o homem lá acabou por aceitar a nossa versão dos factos. E foi amparado pelos dois mais possantes rapazotes do grupo que o ti Zé dos Melões regressou triunfalmente a casa, ao pé coxinho .

Quando, depois, as pessoas o viam coxear e lhe perguntavam o que acontecera, o ti Zé dos Melões, comprazia-se todo na explicação respigada das páginas dos jornais desportivos : "lesionei-me aí numa partida de futebol. Contraí uma distensão muscular na coxa e uma entorse no tornozelo. Nada de grave, felizmente não tive nenhuma rotura de ligamentos. Com umas massagens, brevemente estarei recuperado."

Fosse pelo susto que apanhou ou porque se convenceu de que deveria pôr um termo final à sua já longa

carreira futebolística, a verdade é que o Ti Zé dos Melões deixou de aparecer e que as nossas partidas de futebol dos domingos de manhã reentraram na tranquila rotina de antigamente.

Por vezes, mais por descargo de consciência do que por convicção, o homem ainda aflorava o seu regresso :

- Qualquer dia, apareço para dar uns pontapés na bola.

- Deixe-se disso, ti Zé, já se esqueceu do que lhe aconteceu? Olhe se parte um pé ou ou perna! Olhe que vossemecê tem um rancho de filhos para criar.

- Que raio de coisa aquela! Muito esquisito, não foi?  
- E acendia-se-lhe nos olhos de perdigueiro fiel aquele clarão de quem-sabia-mais-do-que-mostrava. Mas logo se apressava a acrescentar, para nosso sossego: - Passámos uns bons bocados juntos, digam lá?

## TI MENDES

Para começar esta história sem papas na língua e para uma melhor compreensão do que se segue, devo desde já afirmar que o ti Mendes era o melhor jogador de damas das redondezas. Mas também devo confessar que não era atraído pelo seu dom que a rapaziada frequentava o cafezito de que era proprietário, à entrada dos Barreiros. A verdadeira razão era a filha, a Zeza, uma rapariga de lábios carnudos e curvas requebradas, a sugerir tumultuosos amores proibidos. Tal exuberância de formas contrastava, perturbadoramente, com o rosto angelical de boneca de porcelana, uma combinação explosiva que nos fazia salivar como cachorros aluados e sorver, entorpecidos, litros e mais litros da sangria que ela, diga-se, preparava divinalmente, sabe-se lá com que estranhas artes e ingredientes.

- Podes tirar daí o sentido, não é prá tua beija - desiludia-me o Zé quando me surpreendia o olhar vidrado pregado nos encantos da rapariga.

Contrafeito, tinha de concordar com ele e descer a terra firme. Só me restava saborear a sangria sempre admirável e concentrar-me masoquistamente no jogo das damas que o ti Mendes, mais uma vez, se aprontava para ganhar numa penada.

Naquela tarde estival em que nem as moscas zuniam, entrámos, mais uma vez, no café para cumprir o nosso fadário.

O ti Mendes deu-nos tempo para vaziar um jarro de sangria e cobiçar as formas opulentas da filha e só então entrou em cena, saído como que por magia das profundezas do balcão, com aquele eterno boné axadrezado enterrado até aos olhos matreiros de comerciante.

- Vai uma partida de damas?

Já sabíamos de antemão qual seria o desfecho daqueles inglórios duelos. Aquilo era trigo limpo, o ti Mendes despachava-nos num abrir e fechar de olhos.

- Cresçam e apareçam - despedia-nos após a chacina, com com um sorriso trocista fisgado nos olhos.

Mas sabe-se lá por que artes do diabo, naquela tarde os acontecimentos ganharam um rumo inesperado que desestabilizou assustadoramente o frágil equilíbrio das nossas vidas.

Arregalei os olhos, estupefacto. Não havia sombra para dúvidas. Talvez pela primeira vez na sua vida, o Ti Mendes estava prestes a morder a poeira da humilhação às mãos inexperientes do Zé que saltava na cadeira, eufórico, incapaz de controlar as emoções.

O ti Mendes resfolegava como um toiro, de olhos ensanguentados pregados no tabuleiro, incapaz de acreditar naquilo que via. Estrebuchou, incapaz de se dar por vencido.

- Jogue, ti Mendes – castigava-o o Zé. - Dê cá essa dama.

O ti Mendes rilhou os dentes e com as costas da mão varreu as pedras do tabuleiro. Cerrou o punho a dois dedos do nariz do Zé e as palavras saíram-lhe da boca como um jorro de vinagre:

- Vamos jogar outra partida. E desta vez, se ganhares, deixo-te dormir uma noite com a minha filha.

Ficámos de fôlego cortado. O Zé soava em bica, petrificado, de olhos cravados no campo de batalha do tabuleiro.

- Vossemecê está a brincar.
- Não estou nada. Eu sou um homem de palavra.
- Vossemecê está a brincar – repetiu o Zé.
- Cala-te e joga.

A Zeza abeirou-se de nós, com um brilho avelhacado e conivente nos olhos pestanudos de boneca.

Mas aquilo foi sol de pouca dura. Num abrir e fechar de olhos, submetido a fogo cerrado, o pobre do Zé foi impiedosamente massacrado.

- Perdeste a oportunidade da tua vida - riu-se o ti Alípio, puxando o boné para os olhos onde ainda brilhava uma luz demoníaca.

Quebrado o sortilégio da hora, a Zeza mediu-nos de alto a baixo com um olhar de desprezo e afastou-se desinteressada.

Montámos nas bicicletas sem trocar uma palavra, nem mesmo um olhar. Estrada fora, eu fazia das tripas coração para acompanhar a pedalada tresloucada do Zé.

Só quando nos apeámos e encostámos as bicicletas à parede da minha casa, é que o Zé conseguiu desatar o nó:

- Achas que ele me dava a filha?

O ti Mendes fizera-o entrever as delícias do paraíso e, depois, brutalmente, cruelmente, empurrara-o de novo para a crueza dum purgatório inglório. Creio que o pobre nunca mais se recompôs completamente daquela aventura. Ficaram-lhe para sempre nos olhos umas nuvens pardas de tempestade.

Eu próprio ficara transtornado a tal ponto que, passados uns dias, para afugentar os demónios à solta, encavalitei-me na bicicleta e pedalei, resoluto, direito aos Barreiros, decidido a pôr tudo em pratos limpos.

O ti Mendes recebeu-me cordialmente, como sempre. Depois de me servir uma cerveja sentou-se à minha mesa.

Ainda a cerveja ia a meio quando lhe atirei à cara a pergunta que me queimava os lábios:

- Se o Zé ganhasse a partida, vossemecê dava-lhe mesmo a filha?

O ti Mendes atirou o boné para o alto da cabeça, fincou os cotovelos na mesa e soltou uma gargalhada satânica que lhe encheu o carão de rugas profundas.

- O que achas? - atirou-me, provocador.

Do alto dos meus dezanove anos vergados pela crueza da vida, o que poderia achar? O melhor era não achar mesmo nada e beber mais uma cerveja.

## TI GOMES

A minha primeira bicicleta era uma obra-de-arte saída das mãos inspiradas do ti Gomes que a montou, peça por peça, na sua minúscula oficina.

- Não compres uma bicicleta nova - desaconselhou - me quando lhe confessei a minha intenção. - Eu monto-te uma de muito melhor qualidade e fica-te por metade do preço.

A bicicleta que, passada uma escassa semana, me apresentou, era uma todo-o-terreno, extremamente sólida e confortável que, durante anos, correu matas e romarias, sujeita às mais rudes provas e cavalgadas, sem um desfalecimento ou queixume.

- Tás satisfeito? - perguntava-me, de tempos a tempos, o ti Gomes.

- Vossemecê é um mestre.

- Ainda bem que acreditaste em mim. Assim acreditasses no resto.

Esse resto, assim tão enigmaticamente pronunciado, era um bico-de-obra, história mal remendada, cheia de buracos que, a traços largos, se conta assim: certo entardecer cálido de Agosto, num milheiral, à beira-rio, dominado por pensamentos tenebrosos, o ti Gomes tentara violar uma criança, quase mulher, de doze anos desenvoltos, que atraíra à cilada, com falinhas mansas e promessas de guloseimas.

Denunciado pela gritaria da rapariga, foi parar com os ossos à cadeia e um juiz furioso aplicou-lhe, sem apelo nem agravo, uma severa sentença de três anos e meio de reclusão que ele cumpriu, até à última gota, na penitenciária de Leiria.

O ti Gomes sempre clamou veementemente a sua inocência, pretendendo que não passara tudo do fruto da imaginação da garota que assim se pretendia vingar duma pretensa relação que ele mantivera, isso sim, com a mãe dela, uma rija camponesa de corpo em fogo.

Quando saiu da prisão, o Ti Gomes era um homem encanecido, vergado pelas dores da reclusão.

Reabriu a sua pequena oficina onde passava os dias em abnegada clausura, no meio dum caos de bicicletas estripadas à espera de melhores dias. Ao anoitecer, trancava a oficinazita, petiscava qualquer coisa na tasca do ti Coxo e depois entrava no café do Zé para se encharcar de bagaços e soltar aos quatro-ventos as mágoas que lhe roíam a alma. E que não eram poucas, diga-se.

Veze sem conta lhe enchi o bandulho de aguardente, numa vã tentativa de lhe extirpar a verdade das entranhas.

O ti Gomes adivinhava as minhas intenções e cravava os olhos lacrimejantes em mim, desiludido pelas reticências da minha testa franzida.

- Também não acreditas em mim...

Era verdade. Não acreditava. O que não era grande impedimento para que bebêssemos juntos mais uns bagaços pela reposição da justiça e da verdade neste mundo tão adverso.

Lá para o meio da névoa de meia dúzia de bagaços emborcados, sentindo-me fraquejar e como último recurso, o ti Gomes abria as mãos castigadas pelo trabalho e atirava-me à cara:

- Achas que estas mãos, que fizeram uma obra-de-arte como a tua bicicleta, eram capazes de manchar a inocência de uma criança?

Era um argumento de grande calibre e tão eloquentemente exposto que, por vezes, quase me convencia da sua sinceridade. Infelizmente, uma sinceridade logo a seguir desmentida pelo olhar concupiscente com que lambia os corpos franzinos das rapariguinhas impúberes que passavam por perto.

- Deixa o osso - gritava-lhe a rapaziada. - Gostavas de levá-la para o milheiral, grande sacana!

- Sabes o que mais me dói, Manel? - choramingava o ti Gomes de cotovelos fincados na mesa, indiferente aos insultos. - É ler nos olhos das pessoas que não acreditam em mim. Já imaginaste pior castigo de que este? Ver correr os meses, os anos, a vida e sem poder encontrar alguém que acredite nas nossas palavras? Qualquer dia dou um tiro na cabeça e acabo com tudo. Os anos que passei na prisão não são nada comparados com este tormento. Que mal fiz eu a Deus para carregar esta cruz? - bradava de olhos postos no céu. - Deus, Deus, pelo menos tu acreditas em mim?

Mas, que se conste, também nunca dos céus lhe veio a esmola duma consolação redentora. Valia-lhe, para não dar em doido, os bagaços que o Zé do Café lhe servia com mãos-largas, enquanto lhe sentisse dinheiro no bolso.

## TI LAGOSTA

Um grande compincha, o ti Lagosta! Sanguíneo, uns olhitos verdes plantados no carão vermelhusco. Já cinquentão, ainda era capaz de rebentar os queixos ao mais pintado.

Enormes mãos as suas! Coriáceas, curtidas pelos trabalhos pesados que nunca lhe meteram medo. Uma das suas façanhas predilectas era espetar uma cavilha numa tábua de pinho, usando o punho como maço. Mas, não obstante a sua força descomunal e a poderosa compleição física, o ti Lagosta era um verdadeiro pândego. Nos últimos tempos, trabalhava como alombador na serração do Meneses, facto que lhe fazia dizer em jeito de graçola : p'ra estar há quatro anos na serração, das duas uma, ou assentei ou começo a ficar velho.

Encontrávamo-nos, geralmente, por volta das seis e meia da tarde, depois do trabalho.

- Eh patrão! - Tratava-me habitualmente por "patrão". Nos momentos de maior intimidade era o "camarada ". - Venha daí beber um copo. A serradura seca as goelas.

Diante do copo de carrascão, o ti Lagosta era uma torrente de palavras. O seu talento narrativo emprestava um estranho fascínio aos casos mais corriqueiros. Havia duas histórias do seu vasto reportório que não me fartava de escutar.

- Ti Lagosta, conte lá como arranjou a sua mulher.
- Foi uma boa peça, patrão, foi uma boa peça.

Bebia mais uma golada e passava as costas da manápula pelos beiços. Ritual que ele repetia dia após dia, compenetrado. Só então começava a falar, com aquela voz roufenha castigada pelos frios e bagaçadas.

- Andava eu, por essa altura, a varejar azeitona prós lados da Sertã. O patrão sabe como é aquilo. Os homens varejam a azeitona, com varas, empoleirados nas oliveiras e as mulheres apanham-nas prós sacos. Foi aí que travei conhecimento com a minha futura. Hoje é uma farrapo velho. Mas nesse tempo era bem apetitosa, com as cores da mocidade na cara. Mas eu nem reparava nela se não tivesse largado a discutir com outra rapariga do rancho. Chamaram-se tudo e mais alguma coisa. E a minha futura, raivosa por não poder malhar na outra, levantou as saias e começou às palmadas no próprio rabo.

- Assim é que eu te dava, minha cabra - gritava. - Deitavam lume os olhos da catraia.

Fiquei embeijado, logo ali. Aquelas pernas, fortes e brancas como neve, deixaram-me de água na boca. Comecei a namoriscar a cachopa. À socapa, porque a família dela não me via com bons olhos. Diziam qu'eu era um valdevinos sem eira nem beira, e tinham razão, mas eu zangava-me com a coisa. Um homem não gosta que lhe atirem com as verdades à cara. Até que um dia, fartei-me de falar com ela às escondidas. Propus-lhe fugirmos e ela aceitou logo porque também estava mortinha por mim.

Vivemos juntos, sem 'tarmos casados, um bom par de anos, porque ela era menor. Quando finalmente casámos já tínhamos dois filhos. Foram pelo próprio pé à festança.

O ti Lagosta emborcava o resto do vinho e olhava-me, os olhitos a rirem.

- Dava um rimance, ah camarada?- Agora já era o camarada.

- Encha mais dois, ó Américo - ordenava eu ao taberneiro.

As gargantas refrescadas, estávamos preparados para entrar na segunda história.

- Ti Lagosta, conte lá como arrumou o campino na feira de Santarém.

Os olhitos esverdeados eram duas fendas relampejantes.

- Eh camarada, nem queira saber. Aquilo foi mesmo a sério. Aquilo foi briga de homens de tomates.

- Conte lá, conte lá - incitavam à nossa volta.

O ti Lagosta inchava, sentindo-se o centro das atenções. Bebia um pequeno gole, enrolava um cigarro e, quando sentia as atenções bem presas, reatava a conversa.

- Por aquele tempo, eu era um rapazote alegre e atrevido como o carago. Eu era mesmo bonitote, ouviram? Por onde eu passava, as moças pingavam amor por mim. E aquilo era uma porra. Um gajo é galo novo, alevantado da crista e não tá com meias medidas, vá de ceifar em campo farto. Fiz uma razia que só visto. Hoje inté m'arrependo. - Contrariando as palavras, o tom de voz era velhacado. - Mas, voltando ao assunto, quando o caso sucedeu eu trabalhava na herdade dum conde, lá no Ribatejo. Ora na casa da herdade, aquilo era um palácio que só visto, servia uma rapariga como eu nunca vira. Aquilo é que era uma raparigaça. Umas ancas, uns peitos, um pedaço de mulher! E a cara! Bonita, bonita a valer, digo-vos eu. Atão os olhos, quando se fitavam numa pessoa, até nos derretiam, tão meigos que eram, assim como que a cair pró violeta.

Logo que a vi, partiu-se-me o coração. Naquela noite não preguei olho, só a pensar na raça da rapariga.

De manhãzinha, acerquei-me disfarçadamente do palacete. Encontrei-a a dar milho aos pombos. Os bichos esvoaçavam ao redor dela, poisavam-lhe na cabeça e iam-lhe

comer à mão. Aquilo parecia um quadro de santa, digo-vos eu.

- Atão a menina já tá a trabalhar de manhãzinha?

Eu nem sabia o que dizer pra meter conversa. Ela ergueu pra mim o rosto risonho e os nossos olhos encontraram-se. Foi assim que começou o derriço. Bons tempos aqueles ! Era tal o fogo da nossa paixão que tivemos de nos consumir nele. Foi numa noite de luar, à beira do ribeiro que atravessava a herdade. Ainda hoje m'alembro de tudo com se tivesse sido ontem.

A porra toda é que eu já vivia junto com a minha futura e até já tinha um filho nascido. Eu guardara segredo mas veio a saber-se lá na quinta. Foi um sarrabulho dos diabos. Os irmãos dela queriam matar-me e s'eu não me tivesse pisgado depressa, teria lá deixado os ossos. Os campinos são de temer. Em lhes chegando a mostarda ao nariz ninguém os atura. E eu, palavra de honra, tive pena da cachopa. Foi o destino.

Pois, como disse, pisguei-me para bem longe. Passado quase um ano, quando já pensava tudo esquecido, fui à feira de Santarém. Por ali andava desocupado, bebendo um copo aqui, outro acolá, a ver o gado e as gentes. Mas o diabo tece-as e quando já tava meio torcido, pra meu azar, dei de trombas com um dos irmãos da catraia. Ainda tentei esquivá-lo mas já não havia remédio, ali estava ele a fitar-me, tão carrancudo que logo adivinhei molho. E eu não podia fugir, que eu nunca fui homem de fugir de ninguém. Estava como um cão com o rabo entalado. Ele não esteve com demoras, sem dizer água vai, alçou o pau que tinha na mão e estendeu-mo pelo costado abaixo. Ia gritar de dor mas logo outra paulada me estendeu ao comprido ali no meio daquele povo todo. Senti tal raiva que logo a bebedeira me passou. Nunca ninguém me fizera uma humilhação daquelas. Ele ia continuar a malhar-me mas não lhe dei tempo. Ergui-

me dum salto, qu'eu era leve como uma pena, e nem sei como aquilo aconteceu. Encontrei-me com a navalha na mão e o adversário a gemer aos meus pés, esfaqueado. O povo começou a engrossar e a gritar. Olhei aquela muralha ameaçadora e o medo apertou-me a garganta. Baixei a cabeça, a navalha bem firme na mão, e investi de olhos fechados. Raspei-me como um raio. Ninguém conseguiu deitar-me a unha. Pudera, que a navalha era grande e um homem perdido mete respeito.

O ti Lagosta suave em bica.

- Palavra d'honra que eu gostava da rapariga.

Havia sempre alguém disposto a pagar mais uma rodada e bebíamos mais um copo para esquecer.

Vieram outros tempos. Para mim e para Portugal. Eu parti para a tropa, para Angola. Depois, apanhou-me a febre de correr mundo. E, numa bela madrugada, aconteceu o 25 de Abril. Apanhou-nos a todos desprevenidos. Foi um enorme caldeirão que pôs o país a ferver.

Corriam esses tempos sobrenaturais quando reencontrei o ti Lagosta.

Estava acabrunhado, muito diferente do homem que eu conhecera.

- Como você está, homem! Vamos ali ao Américo beber um copo.

E já na taverna: - Américo, encha aqui o copo ao ti Lagosta que ele está precisado. Mas que raio se passa, homem?

O ti Lagosta levou o copo aos lábios, com uma careta.

- Sabe, camarada, agora esta cabeça, depois de velha, deu-lhe para desatar a pensar. Coisas destes tempos que correm.

- Pensar no quê, homem?

- Na vida. Há dias tive a beber um copo com o Felício, esse rapaz que anda a estudar pra advogado e sabe o que ele me disse?

- Políticas, aposto.

- Se são políticas, não sei. O que sei é que foram coisas muito acertadas.

- Desembuche.

- Disse-me que eu passei a vida a lutar contra mim mesmo.

Larguei a rir.

- Não ria, camarada. Isto é sério. Ele disse-me que passei a vida a malhar nos gajos da minha classe. Para os outros, aqueles que me deram uma vida de cão, que nunca me deixaram ir à escola, nunca levantei um dedo. Nesses é que eu devia ter malhado. É triste, camarada, depois de velho chegar à conclusão que fui uma merda na vida. E o mais triste é ouvir estas verdades da boca dum rapazote que podia ser meu neto. Tive vontade de lhe partir os óculos com um murro.

O rosto rosado do Américo intrometeu-se nos pensamentos do ti Lagosta.

- Outra rodada?

- Encha lá. Valha-nos a pinga. Mas digo-lhe, camarada, se tivesse menos dez anos ia pensar a sério nas palavras do rapaz e eu não me chamasse Lagosta se não esmagasse pelo menos uma boa dúzia desses parasitas. - E a mão caiu como um maço sobre o mármore do balcão, fazendo saltar os copos.

## TI ANACLETA

Sem idade, encarquilhada, boca desdentada e sugada, com o lenço preto atado até aos olhos esverdeados que faziam arquear os gatos de medo, a ti Anacleta era, é preciso confessá-lo, o anjo-da-guarda da aldeia. Maus-olhados, penas de amor, doenças, desgraças, rixas sobre águas e demarcações, para tudo isto ela tinha remédio certo e seguro, senhora de poderes ocultos e sobrenaturais, herdados, na hora da morte, da mãe, a ti Eustáquia, que por sua vez os herdara da mãe dela, a ti Encarnação, e por aí fora, até ao fundo dos tempos e da caminhada humana, quando os passos dos humanos e dos deuses se cruzaram, para sempre, num nó cego.

Mas com o transbordar da sua popularidade, a ti Anacleta começou, inevitavelmente, a pisar terreno alheio e a calcar interesses mais altos e influentes. Talvez médico que via secar, de dia para dia, o caudal de enfermidades que desaguavam no seu consultório. Talvez advogado com a clientela a desertar. Quem sabe? Mas que ali houve denúncia, houve.

Certa manhã, manhã de chuva torrencial, com o vento a uivar pelo pinhal, um jipe da guarda republicana subiu o caminho lamacento e levou a ti Anacleta para interrogatório, lá no quartel de Leiria. Porque mesmo banida, a inquisição ainda tinha braços longos e influentes.

O que se passou lá por Leiria, nunca ninguém o soube, ficará para sempre rodeado de mistério. Certo e

testemunhado foi que a ti Anacleta regressou a casa, ao anoitecer, no mesmo jipe que a levava e que o guarda que o conduzia a ajudou a descer, com tal deferência e servilismo que fez arregalar os olhos aos aldeãos que tiveram a sorte de presenciar tão histórico acontecimento.

E o mais espantoso da história é que, desde esse dia em diante, o jipe surgia na aldeia periodicamente para a transportar não já para qualquer sinistro interrogatório, mas para destino bem mais gratificante.

- Hoje é dia de consulta - dizia ela. E levava o dedo indicador ao nariz, no gesto universal de pedir, exigir, segredo. E toda a gente subentendia logo o sentido das palavras proferidas. Com sempre, o jipe chegava, furtivo, pela calada da noite, de faróis baixos, e ficava à espera que a ti Anacleta se dignasse aparecer.

Constava-se, sem haver nada que o comprovasse, pois os lábios dela nunca se abriram em confissão, que a fina-flor da sociedade leiriense, sobretudo as senhoras da alta-roda, se reuniam periodicamente para consultar a ti Anacleta sobre os grandes enigmas da vida e, certamente, sobre outras questões bem mais prosaicas e terra-a-terra. Mas, tudo isso eram suposições atizadas pela curiosidade e pela bisbilhotice. Seriam?

O certo é que a fama da ti Anacleta cresceu irresistível como maré cheia e se espalhou por léguas ao redor, a tal ponto que a sossego bucólico da aldeia chegou a estar comprometido tal era, dia e noite, o vaivém de gentes em busca de lenitivo para as pancadas da vida que, nesses tempos, eram fartas e grossas. Foi mesmo nesta época, para satisfazer às exigências duma clientela cada vez mais diversificada que ela começou a desenvolver outras faculdades, tais como falar com os mortos e exorcizar demónios.

Se a ti Anacleta, com a florescência das suas actividades, se manteve sempre fiel ao preceito de nunca prejudicar alguém com a força dos seus poderes, ninguém o pode afiançar. Garantido, e isso é importante proclamá-lo para resgate da sua memória, a anciã continuou pelos anos fora, o anjo-da-guarda da nossa aldeia e dos seus habitantes, a todos acudindo nos momentos de aflição e dor.

E se, na hora da morte, em idade veneranda, transmitiu, como seria natural, os seus poderes à filha, à Izilda, uma rapariga da minha criação, também não o posso garantir, pois que a vida me atirou, aos trambolhões, pelos caminhos do mundo e fez de mim um estranho a quem as pessoas, com quem eu em tempos lidava tu-cá-tu-lá, têm agora relutância em desvendar os mistérios e os segredos da aldeia.

## ÍNDICE

	Pag.
ABERTURA	9
TI AMBRÓSIA	11
TI BENVINDO	15
TI BELMIRA	18
TI AUGUSTO	21
TI ZÉ BORRACHO	25
TI PIMPÃO	30
TI ROSA	35
TI MAGALHÃES	38
TI BELEZAS	42
TI PISCO	46
TI INÁCIA	51
TI ABEL	54
TI ALÍPIO	58
TI ZÉ DOS MELÕES	62
TI MENDES	67
TI GOMES	71
TI LAGOSTA	74
TI ANACLETA	80

